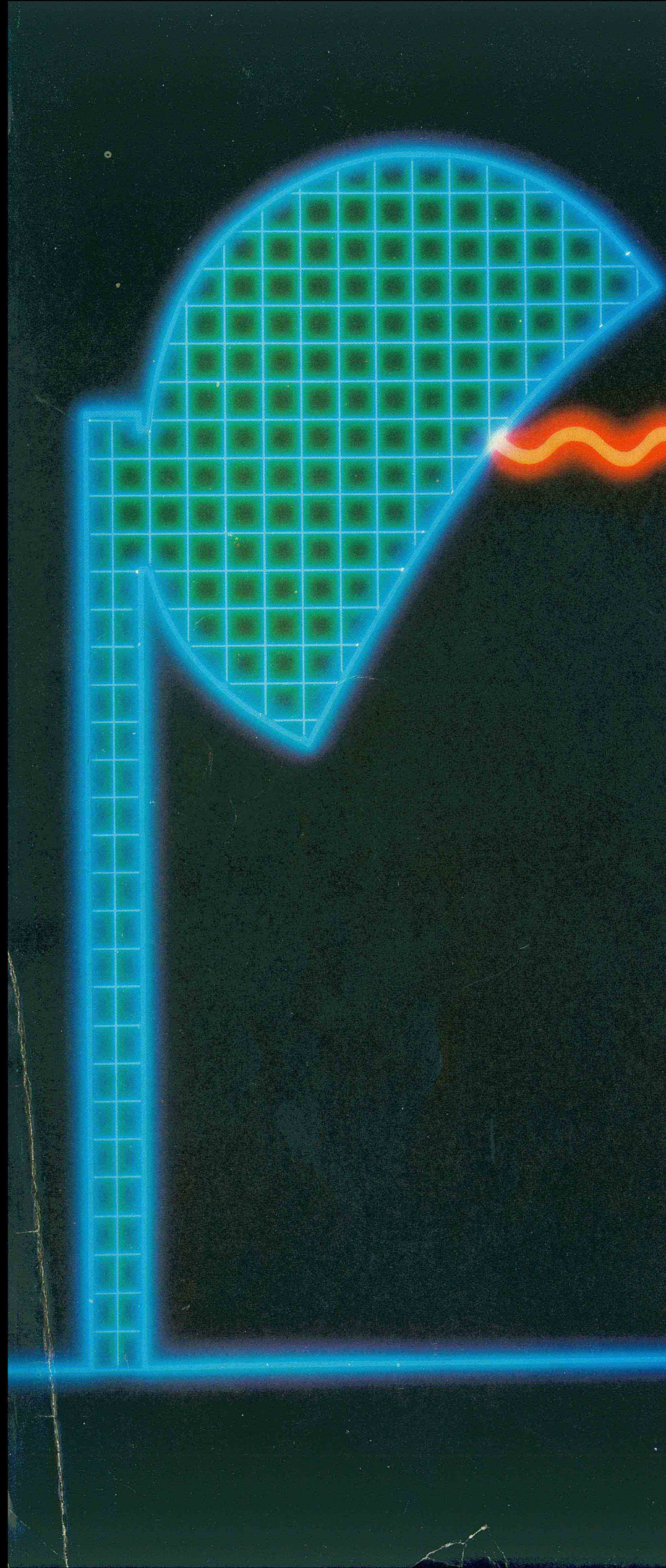


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

8





TELEBRÁS. O BRASIL NA LINHA DE FRENTE DAS TELECOMUNICAÇÕES MUNDIAIS.

O Brasil, hoje, está entre os dez países mais desenvolvidos do mundo no campo das telecomunicações. E, para conquistar essa posição de destaque no maravilhoso mundo da tecnologia, a Telebrás, empresa do Ministério das Comunicações, deu, nos últimos três anos, um verdadeiro show de números.

Hoje, o Brasil já possui mais de 13 milhões de telefones. Mais de 200 mil telefones públicos. Mais de 11 mil localidades estão interligadas à Rede Telebrás e fazem ligações diretas para qualquer lugar do mundo. Mais de 100 mil terminais de telex.

A Telebrás vem buscando, cada vez mais, o maior índice possível de nacionalização em todos os equipamentos, desenvolvendo e transferindo para a indústria nacional, através do seu Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD), em Campinas-São Paulo, produtos da mais sofisticada tecnologia, como a fibra ótica, as centrais computadorizadas e os circuitos integrados.

A meta maior do Ministério das Comunicações é a busca permanente do aperfeiçoamento tecnológico, para que assim possa levar todos os benefícios das telecomunicações a um número sempre maior de brasileiros. Democratizando e interiorizando, cada vez mais, todas as suas conquistas.

É por tudo isso que a Telebrás coloca o Brasil na linha de frente das telecomunicações mundiais e dá um verdadeiro exemplo de como uma empresa estatal pode ser rentável, eficiente e contribuir decisivamente para o desenvolvimento do País.

Ministério das Comunicações



**SISTEMA
TELEBRÁS**

GOVERNO FEDERAL

Tudo pelo social.

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Paulo Tavares, Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Montagem: Carlos Jorge
Fotografia: Walmir Pinheiro
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impressão: Bigraf



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025. Tel.: 242-0075.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores
Os originais não serão devolvidos

Publicação de acordo com a Lei Federal
n. 7505/86 (Lei Sarney)

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda, José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo) Afrânio Coutinho, Antônio Torres, Eduardo Portella, Sônia Coutinho, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem Braga, Sônia Coutinho, Bella Jozef (Rio de Janeiro), Paloma Amado Costa (Brasília), Nádia Gottlieb, Oswaldo França Júnior (Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro (Pará), Marcus Acyolli (Pernambuco), Sérgio de Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado (Goiás), Antônio Holhefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha (Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende (Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia), Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas Colchie (Estados Unidos), Alice Rayard, Francis Combes, Jean Orecchioni, René Depestre (França), Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio, José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro (Portugal), Xela Arias (Espanha) Antônio Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilova (Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kaluguim, Vera Kuteichicova (URSS), Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).

Capa: EXU,
de Sérgio Rabinovitz

3

BORIS SCHNAIDERMAN
Entrevista

8

JUDITH GROSSMANN

12

ANTÔNIO OLINTO

15

JOSÉ CARLOS ALMEIDA

19

JORGE AMADO

23

BULGÁRIA

35

EXU DOCUMENTO

"Memórias Paralelas
da Baía", palestra
de Agustina Bessa Luís

37

Convênio

38

ADEMÁRIO RIBEIRO

39

ELIESER CESAR

40

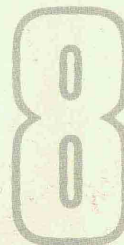
Registro

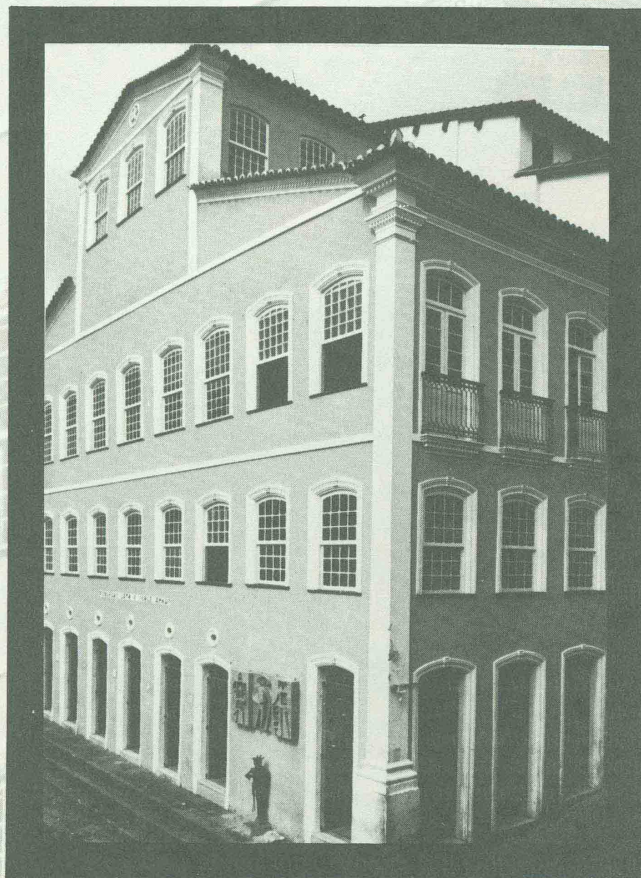
Poster

Pintura

de Juares Paraíso
Texto: Claudius Portugal

março/abril/1989





Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente: Germano Tabacof / **Diretor Executivo:** Myriam Fraga

Conselho Curador: Alfredo Machado / Antonio Celestino / Calasans Neto

Carlos Fraga / Carybé / Germano Tabacof / James Amado

João Jorge Amado / Joelson Amado / Mirabeau Sampaio / Paloma Amado Costa

Paulo Tavares / Zélia Gattai Amado / Zitelman de Oliva.

Conselho Fiscal: Ernesto Widmer / Floriano Teixeira / Jorge Lins Freire
Lafayette Pondé Filho / Renato Antonio Martins.

Mantenedores: Construtora Norberto Odebrecht S.A. / Banco Econômico S/A
Companhia Brasileira de Alumínio — Grupo Votorantim

Consórcio Andrade Mendonça Suarez / Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.

Editora Record / Fundação Cultural Nestlé / Nacional Iguatemi Empreendimentos S/A
Transguarda / Nitrocarbony / Construtora Mendes Júnior

Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia-SINPER

Jean Luc Lagardère / Construtora Andrade Gutierrez S.A. / Fundação Banco do Brasil

Entidades Conveniadas: Secretaria da Educação do Estado da Bahia
Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Boris Schnaiderman

Nascido em Úman, Ucrânia, União Soviética, Boris Schnaiderman passou a viver no Brasil desde os oito anos, só retornando em 1965 — *encontrei desconfiança em relação a mim dos poderes constituídos naquele tempo, mas encontrei muita receptividade dos intelectuais. Na Rússia, se você anda na rua, as pessoas são bastante formais, no jeito de vestir, na comunicação, mas quando se conhece mais um pouco, há muita expansividade. E eu já tinha contato com poetas, com o underground. Mas era muito paradoxal, muito estranho, porque não era o tipo de repressão que podia esperar na União Soviética. Era tudo um pouco fluído. Era uma situação estranha.*



Professor aposentado de russo na Universidade de São Paulo, tradutor, publicou **Tolstói**, na Coleção “Encanto Radical”, da Brasiliense, **Turbilhão e Semente** (Duas Cidades), **Guerra em Surdina** (Brasiliense), **A Dama do Cachorrinho e outros contos**, de Tchekhov (Max Limonad), **Dostoiévski prosa poesia** (Perspectiva), **Poesia Russa Moderna** (Brasiliense), esta em colaboração com Augusto e Haroldo de Campos. De volta da Alemanha, onde passou seis meses, Boris Schnaiderman esteve por alguns dias na Bahia. A EXU, tendo a companhia de Jerusa Pires Ferreira, professora da USP, pesquisadora, escritora, e do poeta e ensaista Antonio Risério, realizou esta conversa:

Esta estada na Alemanha foi formidável. A viagem foi uma decorrência de um trabalho de Jerusa, ela que foi convidada por sua pesquisa sobre o tema do **Fausto**, o que daí levou-a a lenda de São Cipriano, que é antecedente. Mas isto será um livro, é fruto de sua livre-docência. Mas esta ida me deu materiais que na viagem, em 87, à União Soviética, não tive. Então pude vencer a defasagem que há, inevitável, pelo fato de vivermos tão isolados no Brasil. Com isto, pude agora compreender a crise que passa a União Soviética, a fermentação extraordinária que está havendo lá, hoje.

Veja você: de repente eles se vêem às voltas com uma informação que durante anos e anos vinha sendo sonogada. Por exemplo: um escritor como Nabokov, numa sociedade que o nome dele não aparecia, nenhum texto, de repente este escritor aparece. É claro que isto deixa as pessoas perplexas. Como este, outros casos. Textos que vinham sendo sonogados e surgem de uma hora para outra. Todos. Foi uma sensação o aparecimento de **Dr. Jivago**, mas é uma coisa mínima em relação ao que tem aparecido, inclusive do próprio Pasternak. De repente se pôs tudo à disposição. O que era proibido, o que era tabu, hoje circula. Não falo do leitor comum. Um leitor culto passa a ler Freud como uma grande revelação. Ou Joyce. É tudo concomitante. E hoje se discute tudo — economia, política, relações humanas. De repente se passou a discutir tudo quando não se discutia nada.



E o problema da nacionalidades, que está ocorrendo. Sempre existiu, era disfarçado, escondido do mundo?

A rivalidade entre um nacional e o outro sempre existiu. Existia e existe...

Jerusa — *A grande revitalização da Rússia vem deste confronto das nacionalidades, destas periferias. São nelas que as coisas acontecem. Por exemplo, a Armênia é notável. Ela tem uma leitura muito própria do seu tempo, de tal maneira que o armênio tem uma criatividade incrível. Quem diz Armênia, diz Georgia, que tem um cineasta como Paradjan. Para mim a Armênia foi um delírio. Fiquei fascinada. Lá tem uma instituição como o Mantenadaran, onde todos os armênios que estão circulando pelo mundo compram documentos de sua história, onde estiver, e devolvem para este centro de estudos de seu país. É uma instituição de pesquisa. Além disso, tem uma arquitetura moderna fortíssima. A pintura é uma maravilha. O Museu de Arte Moderna de lá tem um acervo de grande importância. Por outro lado, impressiona a religiosidade destas repúblicas. As pessoas rezando por São Jorge, colocando velas. Aliás, São Jorge é um santo fortíssimo.*

... A literatura russa de agora está muito marcada pelo contato com as culturas da periferia, com estas nacionalidades. Um dos maiores escritores de língua russa é o Aigui — Guenádi Aigui —, e ele escrevia em sua língua natal.



O Aigui é um contato estreito em suas relações. Como iniciou?

O Haroldo de Campos esteve em Praga em 64 e lá teve conhecimento do Aigui, que não era publicado em russo. Depois, em 65, estive em Moscou e o procurei. Estava de férias, deixei uma carta com endereço, e ele me escreveu. Mantemos uma correspondência extensa, com textos, e nós enviamos estes textos para outras pessoas no ocidente, ajudando a divulgá-los, traduzindo. Aigui sofreu perseguição por ser muito ligado ao Pasternak, e quando estourou o escândalo deste, quem estava próximo sofreu as conseqüências. O Aigui estava concluindo o curso de letras, no Máximo Górkí, e sua tese era uma coletânea de poemas dele traduzidos de sua língua natal para o russo. O trabalho já tinha sido entregue quando estourou o escândalo e daí quiseram excluí-lo da universidade, expulsá-lo, alegando que os poemas eram anti-soviéticos, herméticos, diferentes do que se publicava. Por causa deste trabalho ele foi atacado publicamente por um poeta da velha guarda, um que por sua vez tinha sido atacado por Maiakóvski. Foi atacado numa ses-

são pública da União de Escritores, não chegou a ser expulso do Instituto, mas foi da Juventude Comunista. Recentemente ele me enviou o texto de exclusão dele e dizia que era por escrever textos completamente contrários ao espírito da cultura e por falta de pagamento das mensalidades. Agora, ele já recebeu vários prêmios. Ainda não saiu em livro, mas está sendo amplamente publicado em revistas de grande circulação, o que o tornou um poeta conhecido, reconhe-

cido como tal. Houve uma homenagem a ele, e quem o saudou foi Ievtuchenko, que é assim, mais ou menos, o porta voz do poder. Mas este teve uma atitude bonita em relação ao Aigui, pois chegou de público e disse que ele era um homem que passou trinta anos fazendo poesia sem circular, pois não havia possibilidade, e ele continuou a fazer poesia, e apontou-o como um exemplo para as novas gerações. Rendeu um tributo a quem escreveu em silêncio.

Poemas de Guenádi Aigui sem título

uma rede de borboletas jamais vistas
mortas enquanto unidas —

e como que se amplia:

ela:

em sonho:

tu —

demasia de rubro e aparentando
nessa dor campesina
a unoexistência —

assembléia de flâmulas num campo
que dura longa e tudo oculta

e para sempre alumiada por searas
e pelo corpo do filho = eis — a mim
sempre me escolhes e iluminas o meu campo
onde para alguém foste flâmula

e acolhendo os estigmas = tu rede-envolvente
estás em manchas rubras

enquanto para ti me designam

1965

nota do autor: "la pourpre de nos âmes" (Villon).
(Tradução de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman)



Como fica hoje, surgindo nomes que estavam subjugados a luta de poder, as facções; isto é, a briga de quem está emergindo versus o solidificado?

É um caso complexo. As editoras estão nas mãos de grupos que conseguiram se firmar e não deixam outros editarem. Quando se queria fazer uma edição grande de Pasternak, eles alegavam falta de papel, mas publicavam as obras deles. Veja: não são escritores pequenos, alguns são de peso, geralmente de tendência conservadora, não só esteticamente como politicamente, representantes de um espírito nacionalista retrógrado. Eles estavam e estão na direção de órgãos de divulgação de massa e não permitiam as edições. Tudo isso tem sido uma luta constante. Em 87 não era assim. Hoje já aparecem coisas bem claras nas revistas. É um momento de explosão.



E o Ievtuchenko, que é muito conhecido. Qual sua atitude?

Ele é mais aberto. É uma força sadia, mesmo sendo um relações públicas, é algo de positivo. Não é capaz de atitudes estreitas.



A poesia é sempre citada ao se falar do novo, e a prosa russa, como está?

Os temas mais candentes aparecem numa literatura bastante tradicional. É algo ligado a todos estes anos que a Rússia esteve praticamente isolada. Consagrou-se um tipo de literatura que para nós é muito tradicional. Seguem Tolstói e este tinha muito mais inquietação do que os que o seguem. Fico decepcionado por que leio esta prosa fazendo esforço, mesmo reconhecendo que é importante. Principalmente pela valorização dos direitos humanos, do respeito ao homem.

A literatura russa aparece com mais força no ocidente por suas preocupações éticas, é a literatura do final do século XIX. Agora está aparecendo novamente nas revistas. Mas a prosa experimental, isto me deixa um pouco surpreendido. A poesia tem experiências muito arrojadas, e em prosa estas foram na década de 20/30. O que há são retomadas deste período, e o que há é uma prosa crítica em relação ao que se passou, muita discussão, muito debate. Mas prosa criativa, que retome este acervo das décadas de 20/30 não tenho visto. É claro que está marcada nas obras dos escritores atuais. Mas isto não invalida a existência de grandes escritores. Está no prelo uma tradução minha de uma antologia do novo conto russo. Deve sair por agora, e há muita coisa por divulgar.

sonho: caminho no campo

se quase não existes — para que
buscar um outro

que não consiste em corpo?...

que esperas do caminho? uma sombra
que encerra algo...

alimento inefável:

que ali também não há...

daquele que antes passa
não descobrirás

nem rastros...

1967

(Tradução de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman)

de novo: intervalos do sono

sem título

para o filho

o que revestes?

e de que te despes —

sombra! como num lago:

no cálido
despertar:

seria — sentido?...
seria? de algo —

num círculo de poeira invisível —

da essência e do ar-vocábulo:

e do mundo-vocábulo:

que se dilata! —

e ao qual não é dado definir
nem lugar:

nem imagem

1966

(Tradução de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman)

o que olha
sempre cessa:
dia ou mundo!
o único é
ininterrupto —
por sua face
a alma desliza?
: cinzas!

e a luz não se divisa
do que sempre olha! —
cinzas movediças:
fora da luz
desfolham-se

1966

(Tradução de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman)

Os poemas de Aigui
foram extraídos do livro *Poesia Russa Moderna*,
Editora Brasiliense.

OFICINA AMOROSA

CLANGOR

desfruto o luto
do teu amor
mando-te embora
e quanto mais te mando
voltas
e como um sino
bates.

01.12.88

CALIGRAFIA

Inigualável acordar numa cidade se habita
com o bico do seio
por anos se aleitou.
Incômodo acordar numa cidade se visita
com suas malas
sempre por fechar.
Incomparável uma casa
com seu corpo se acabou de esboçar
e tudo que ela contém
de lápis de escrever finos apontadores laudas
e borrachas!
para enfim apagar
o que de imperfeito a vida ajuntou,
deixando apenas liso, como uma praia,
o seu suave cetim,
na preferida pólis que se ama,
seu espírito, mastro imenso, se desfralde
como sempre primeiro filho
de que filho também se é,
os caminhos do ser por aí vão,
abrindo interdições,
liberando proibições,
aqui se nasceu verdadeiramente,
alterando datas, espaços
em outros pergaminhos constantes.

04.03.89

ANIVERSÁRIO

um dia te encontrei,
mas foi tão breve,
posso uma aia,
é esta moça,
morena no feitio,
e vem à tarde
dizer-me
“vai-te”,
com sua luz,
com seu carisma
e sua face,
“fica com teu lote,
a saudade” —

27.12.88

OFICINA AMOROSA

GIDEANA. AUGÚRIO

Assim como cheguei, parto,
em busca das parturições da sorte,
a minha,
signo único indecifrável
nas vísceras das aves
no interior dos pomos
visível.

É preciso muitas vezes morrer
e outras tantas nascer.

É março.

Amo-te demais
e que ninguém,
tu sobretudo,
o saiba.

Mas assim como cheguei,
parto,
para não mais confundir
o que claro deve permanecer
e mais e mais e mais
claro.

Quem sabe
em cada estação renasça,
ou em outubro,
ou no ano passado,
o que por um segundo se sinta,
e como cânfora se evapora,
quem sabe —
mas, por agora,
parto.

PROUSTIANA. METAFÍSICA AFETIVA

No armário
pendem ainda
os corações de sachet
na impossibilidade do encontro
enviaste.

Na cidade
vergasta ainda
o olhar desferiste
na sala de espera
do marítimo restaurante
aquele olhar
com que se foi surpreendido.

Isto foi tudo.
Tantos laboram
cavam
procriam
lavram,
não o conseguem,
é cega a sorte.
Súbito nós,
por estes gestos mínimos,
nos vimos inscritos
no registro
dos imortais amantes.

12.03.89

*Judith Grossmann, poeta e ficcionista brasileira,
fluminense, carioca, baiana.
A autora de Linhagem de Rocinante: 35 poemas;
O meio da pedra: nonas estórias genéticas;
A noite estrelada: estórias do interim;
Outros trópicos: romance: Cantos delituosos: romance.
Presente em antologias nacionais e internacionais.*

REFLEXÕES SOBRE A REVOLUÇÃO



→ Revoluções
francesas
- 1789?
ensaio

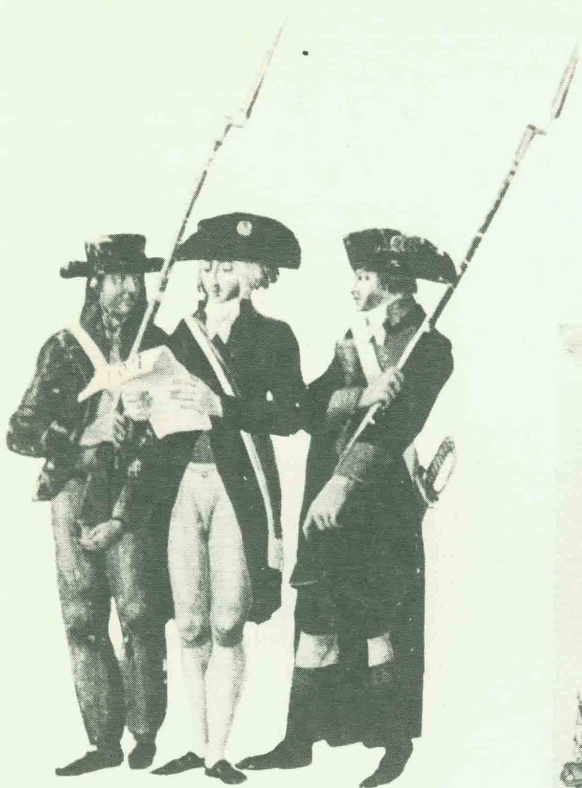
Duzentos anos depois, continuamos à la recherche da revolução. O 14 de julho de 1789 ficou para sempre ligado a um misto de esperança e de terror, de tal modo que nem a revolução anterior, de 1776, nem a posterior, de 1917, conseguiram superar a francesa como símbolo de todas as revoluções. O ano do bicentenário vem provocando, na França mais do que alhures, o que é natural, um acúmulo de reedições, publicações novas, entre livros, álbuns e artigos, num fundo rebuscamento das raízes e dos fundamentos daquela eclosão política, esperada/inesperada, que mudou o mundo.

O escritor mais citado nessa efervescência bibliográfica tem sido François Furet cujo **Penser la Révolution Française** serviu de assunto e de capa para as publicações semanais de notícias imediatas. O tempo é de revisão, de releitura, e talvez possamos, depois das comemorações deste ano, reler a revolução com mais liberdade. Livros antigos são agora reeditados, não só trabalhos lineares — como **La Révolution Française**, de Pierre Gaxotte, e os três volumes com o mesmo título de Albert Mathier — mas também os polêmicos, sobre a questão da Vendéia, como **La Vendée, Revolution et Contrerévolution**, de Charles Tilly, **La Révolution Française et les Paysans**, de Georges Lefebvre, e **Le Génocide Franco-Français**, de Reynald Sécher.

Outros dois livros, também não muito recentes, surgem como significantes na releitura, na reavaliação, no repensamento da Revolução Francesa: o de Bernard Groethuysen (que foi discípulo de Dilthey

e Simmell na Universidade de Berlim), **Philosophie de la Révolution Française** (a primeira edição é de 1956), e, na tradução inglesa de Peter Gay, **The Question of Jean-Jacques Rousseau**, de Ernest Cassirer, publicado primeiro em alemão e logo depois em francês, em 1932.

Há uma atitude, que assumimos normalmente, diante de análises da Revolução Francesa, ou de qualquer outra. É a que exige, do analista, que esclareça de saída qual a sua posição perante a realidade revolucionária. É ele monarquista, liberal ou jacobino? Depois dessa identificação inicial é que o historiador pode tratar de seu assunto, e será lido, ou não, por quem se ajuste, ou não, à ideologia anunciada. Tal acontece com todo livro sobre história recente — será de esquerda, centró ou direita? — e nada irrita mais o ideólogo comum do que não poder distinguir, desde logo, sem subterfúgios, o nítido posicionamento da obra que está prestes a ler.



Furet menciona essa atitude ao mesmo tempo em que procura fugir a ser facilmente identificado como ocupante de determinada posição que não seja a de uma revisão geral. Para isto, começa por analisar de que modo se formou a “nação” francesa e como, depois de Carlos Magno, puderam os francos, realmente, **criar** os seus reis ao invés de serem por eles criados. A estrutura de poder, e de viver, da França, em regime de monarquia absoluta, contribuiu para fortalecer a nação e a idéia de nação. Passou, porém, com o tempo, a não mais funcionar e a produzir condições para mudanças que poderiam ter sido lentas, desde que seguras, mas que, de tão contidas, acabaram por explodir. Este **pensar** a revolução a partir de Carlos Magno (como um **pensar** a revolução russa a partir de Ivan o Terrível ou, para um historiador detalhista, a partir de Iaroslav o Grande — 1015-1054) pode levar a abordagens novas no analisar a revolução. Furet lembra que a França não passou a existir só com a Revolução Francesa, devendo-se evitar que “a história” venha a se reduzir a uma “comemoração das origens” pela “magia do aniversário” e com “a boa consciência dos crentes”. É natural que “as origens” sejam comemoradas — e países como o Brasil, os de toda a América e os das ex-colônias da África celebram festivamente seu dia da independência — mas a tendência de países mais antigos é comemorar a data de sua mais recente revolução (como na França e na Rússia), acentuando-se o caso singular, e insular, da Inglaterra, que tem o bom senso de fazer incidir a data nacional sobre o dia do nascimento de seu rei, ou sua rainha, do momento.

A parte principal do **pensar** a revolução, para Furet, está numa reavaliação da obra de Tocqueville e de Augustin Cochin. O primeiro se tornou campeão do liberalismo democrático, mas o segundo — que dedicou toda a sua curta vida a pesquisas sobre a Revolução Francesa — é pouco e mal conhecido. Nascido em 1876, morreria em ação, na frente de batalha, em 1916. Diferente de Tocqueville, que se interessava pela “continuidade” revolucionária, num processo institucional evolutivo, o que ele, Cochin, desejava era “compreender a explosão do acontecimento, a ruptura do tecido histórico”, enfim “a dinâmica interior do movimento revolucionário”. Estava ali, assim, um **pensar** a revolução diferente. “Compreender a explosão” era também compreender o jacobinismo (o nome vem do lugar de reunião dos nacionalistas radicais da revolução, no antigo convento beneditino de São Tiago — **Sanctus Jacobus** — no que passou a ser chamado de Clube dos Jacobinos). Acha Puret que, ao penetrar no significado mais largo do jacobinismo, Cochin **pensou** a revolução francesa em seu mistério central, pois, conclui, “o jacobinismo é o começo da política moderna”.

Quanto ao livro de Bernard Groethuysen, **Philosophie de la Révolution Française**, montado para publicação póstuma, começa ele com um ensaio, inconcluso, sobre Montesquieu, antes de entrar no osso do assunto e analisar a filosofia propriamente dita da revolução. Groethuysen apresenta Descartes como origem de todo o pensamento novo que viria desaguar na revolução. A direiteza e a simplicidade de Descartes. A clareza. A **claritas** de Santo Tomás de Aquino ficou, em Descartes, mais límpida e transparente. Até onde se podia saber então — como em qualquer outra época — era preciso que o homem obedecesse as leis do pensamento e a princípios gerais das coisas, e ali estava Descartes para garantir essa obediência.

Contudo, a realidade parece — e pode — ter outra — e oculta — lógica, e surgiu Pascal para realçar a importância do “esprit de finesse” em contraposição ao “esprit de géométrie”. A lista, apresentada e discutida por Groethuysen, das influências pensamentais sobre a eclosão revolucionária e a queda do “Ancien Régime”, enfileira os nomes clássicos da



cultura francesa no período de fermentação que pode ter começado com a revolução cartesiana. A efervescência maior se concentraria em Voltaire e Rousseau. A idéia básica do “Contrato Social” vinha dar força à necessidade — que se tornara então inadiável — de um acordo, entre as diversas classes da sociedade, sobre como poderia o homem natural, com seus direitos inalienáveis, submeter sua liberdade individual aos interesses da comunidade.

A volta aí, para efeito de análise atual, o tratado eminentemente ético de Ernst Cassirer *The Question of Jean-Jacques Rousseau*, agora reeditado em inglês na versão de Peter Gay. O propósito de Cassirer foi clarear — explicar ?, reduzir a termos simples?, ou apenas contestar explicações contraditórias e/ou errôneas? — o pensamento de Rousseau que ora aparece como o extremado individualista, ora como dando à sociedade todo o poder coercitivo sobre o indivíduo. Contrastando com o tom “de brincadeira” de Voltaire (a tradução inglesa usa a palavra *playful*) Cassirer examina a “trágica seriedade” de Rousseau e a preeminência ética de seu pensamento. Ao longo de reflexões e idéias sobre a Revolução Francesa, não é de mais que se lembre haver urgência de voltarmos a Rousseau. E é o que parte significativa da inteligência de hoje está procurando fazer. Em posfácio de 1988, enumera Peter Gay trabalhos posteriores a Cassirer que hajam contribuído para o aprofundamento da “questão Rousseau” e nele aparecem os nomes de Jean Guéhenno, Charles W. Hendel, Robert Derathé, Jean Starobinski, Robert Vokler, Jacques Derrida, Ronald Grimsley, Carol Blum e o brasileiro José Guilherme Merquior.

De J. G. Merquior comenta Peter Gay o estudo comparativo-sociológico publicado em inglês *Rousseau and Weber: Two Studies in the Theory of Legitimacy* (1980), para realçar a proposta merquioriana de haver sido Rousseau “o homem que fundou o moderno democratismo e, com este, o moderno princípio de legitimidade”. Afirmando que Merquior analisa a história de como se desenvolveu, de Rousseau a Weber, a idéia contemporânea de legitimidade, num

século e meio que foi “o mais rico período da história da teoria política”, termina Peter Gay por dizer que Merquior “ingeniously places Rousseau’s political-sociological thought into its history.”

Dentre as consequências da Revolução Francesa e como talvez parte de análises brasileiras incidindo sobre o centenário de nossa República, não deixa de ser terreno promissor de pesquisa o discutir-se por que, num continente que, de norte a sul, pipocou de Repúblicas, só o Brasil, fiel a um desenvolvimento da tradição social portuguesa, tomou o caminho da monarquia imperial representativa, nela permanecendo ao longo de quase setenta anos.

Numa exaltação do pensamento maior que a Revolução Francesa deixou profundamente entranhado nas gerações que vieram depois, e que analistas e estudiosos tão diferentes entre si, como Bernard Groethuysen e François Furet, aceitam e acatam, está a idéia-mestra de que os homens valem o que valem seus direitos. Sem a aceitação, a defesa, a manutenção desses direitos, ele é nada — e nada passa também a ser a sociedade a que pertence.



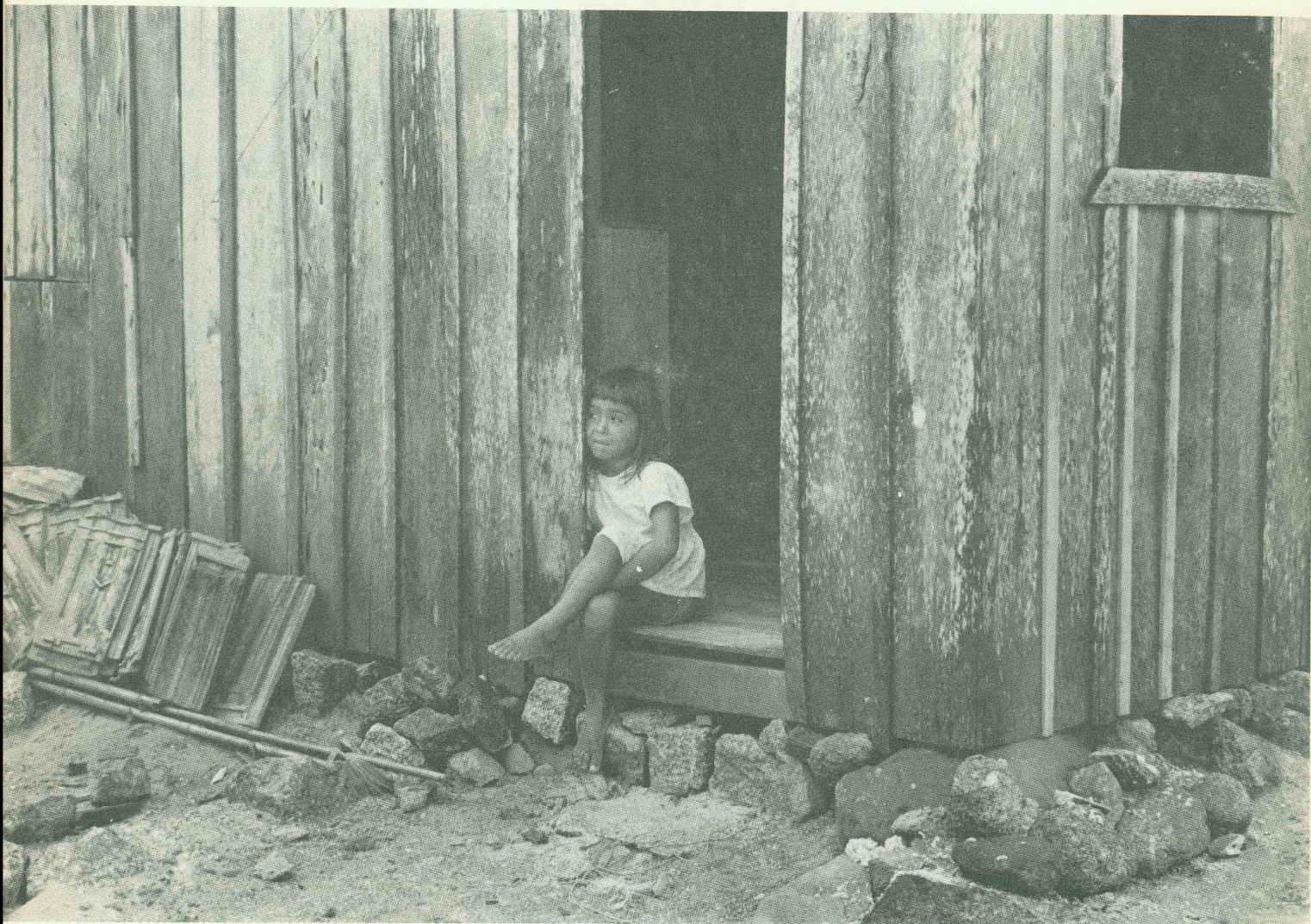
Antônio Olinto nasceu em Ubá, Minas Gerais.
Escritor, jornalista, possui mais de quinze livros editados.
Entre estes, *A Paixão segundo Antônio* (poemas);
Brasileiros na África (ensaio)
e *Cadernos de Crítica*.



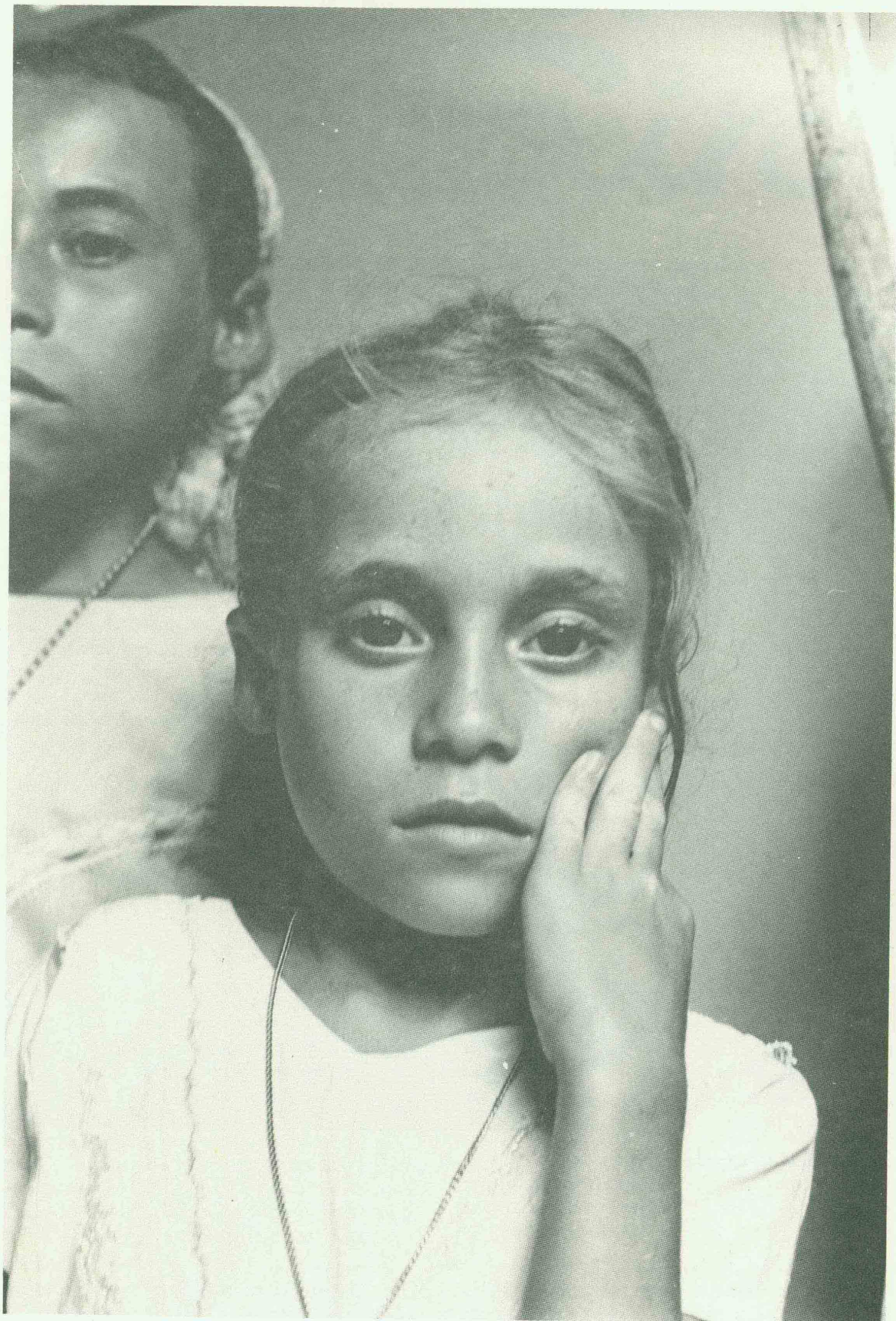
Menino de Rua no Campo Grande — 1976



Imagens de poesia e de choque (o conflito dos seres humanos entre si), o belo e o trágico, o desequilíbrio social e o olhar. Esta pode ser a essência e a existência destas fotos. José Carlos Almeida, baiano de Umbuzeiro, sertão da Bahia, 37 anos, autodidata, tendo morado nos Estados Unidos, consolida sua trajetória de fotógrafo entre estes dois pólos — seja no ensaio p/b, na cor, na foto sobre arte, principalmente as artes plásticas, ou na dedicação que atualmente mais realiza que é a fotografia aérea, especializado no planejamento urbano da Cidade do Salvador, seu mar, suas avenidas, seus becos, e seus bolsões de miséria. Uma fotografia de rostos em toda sua extensão.



Garopaba, Santa Catarina — 1972



Menina de Roça — 1974



Cigana, Pituaçu — 1974

Episódio de Siroca

Tudo começou, segundo afirmam alguns no dia do desaparecimento de Siroca. Outros discordam, tais divergências são comuns entre cidadãos liberais que não costumam impor suas convicções; o debate é o sal de convivência.

É certo que a polícia andou na pista de Boris, por ordem expressa do Juiz de Menores. Após ter lido a descrição do suposto raptor, o Juiz, doutor Alceu Benevides, disse ao Comissário: “É ele, não é outro. Ah! se eu ponho a mão nesse marginal, ele vai ver o que é bom!” Velhas contas a saldar, refletiu o experiente Comissário, enquanto o Juiz acrescentava: “Para seu governo, fique sabendo que o indivíduo se chama Boris e atende pelo apelido de Vermelho. Tipo perigoso”.

Não foi o único motivo, somou-se a outros talvez mais poderosos mas teve peso na inesperada decisão de Boris. O rapaz continuava perturbado com a atitude de Siroca, era evidente — onde já se viu desfaçatez igual? Além de não se dispor a novo encontro com o doutor Alceu, encontro ao qual faltaria cordialidade, Boris era cordial por natureza.

Entre o xadrez e a caserna, preferiu a farda, garantia, como se sabe, de impunidade total para os bravos que a envergam. A guerra ainda não foi declarada, mas devemos estar preparados para enfrentar o “solerte inimigo estrangeiro que ameaça a segurança de nossas instituições”, como repetem as proclamações dos chefes militares. Enquanto o aguardamos com serenidade vamos treinando as armas e a pontaria na população, a pobre, bem entendido. Para alguma coisa essa gente há de servir.

A polícia em seu encalço, o comportamento de Siroca ainda a confundi-lo, a dívida de honra contraída no antro do Profeta Maomé, sem falar em ocorrência menores e anteriores contribuíram para a surpreendente resolução. Mas a razão definitiva e superior foi o elevado sentimento patriótico de Boris, exaltado pela passagem do desfile militar que inaugurava festivamente a semana do alistamento. A banda vibrando no dobrado, o rufar dos tambores, os clarins e as bandeiras: visão física da Pátria, colorida e musical. Boris não vacilou, não era de vacilar. Riu pensando na cara do Juiz, bateu continência, tomou posição atrás do soldado, marchou para o posto de recrutamento.

Se tudo começou com a fuga de Siroca, é justo relembrá-la e à sua compacta carnção, tão dura que era impossível beliscá-la. Na escuridão do muro, sob a amendoeira, Boris tomava entre os dedos os bicos dos seios, duas pequenas pedras negras. Siroca emitia um ruído rouco, entreabria os lábios para o beijo. Mais sensível o bico do peito esquerdo, quem saberá a razão?

Boris não buscava saber, apenas comprovava. Metia a mão pelo decote da blusa, fazia o seio saltar, buscava com o lábio o bico túmido. Siroca contorcia-se, apertava-se contra ele. Com a mão livre, Boris suspendia-lhe a saia. Ela não se opunha, entregue.

Entregue? Permitia tudo quanto ele ousasse, tudo menos o principal. Quando Boris pensava que soara a hora exata, Siroca o afastava com um empurrão:

— Tire a mão daí.

— O que é que tem?

— Tire a mão, já disse. Isso tem dono.

Besteiras de donzela, surpreendentes, pois hoje nenhuma se importa com cabaço, os tempos são outros. Boris repetia a tentativa, ela o repelia, zangada:

— Isso tem dono, já disse.

Não adiantava pedir, querer dobrá-la com argumentos (“não tem vergonha de ainda ser virgem?”), com carícias, fazendo-a perder a cabeça, esperando que ficasse fora de si, sem tino nem capacidade de resistência. Tampouco ameaças de violência (“é melhor dar logo antes que te derrube e bote a pulso”). Por mais excitada e desejosa, não se abalava:

— Tem dono!

Quando ele tentava agarrá-la à força, Siroca separava-se num repelão:

— Me larga ou nunca mais tu me vê.

Possuía uma força inusitada; seriam necessários pelo menos três homens para dominá-la e possuí-la, mas curra era coisa que Boris não topava, fato público e notório. Todos se recordavam da briga com Bastinho e Dagoberto, muito comentada na ocasião.

Sendo Siroca de pouco falar, de riso raro, Boris não chegara a saber praticamente nada a seu respeito durante o tempo de namoro. Corpo de mulher feita, pronta para o que desse e viesse, para as últimas conseqüências. Quem batesse os olhos em cima daquelas ancas, daquela peitaria rija, sentia um apelo descendo do tutano para os ovos. Antes de Boris aparecer e assumir o posto, muitos a rondaram e um gringo — a maioria das casas do loteamento

estava alugada a técnicos estrangeiros que trabalhavam no Pólo Petroquímico — lhe deu uma cédula de quinhentos cruzeiros quando a encontrou na praia, de biquini. Nunca se soube se com segundas intenções ou simplesmente para agradecer tanta beleza exposta.

Corpo de mulher, mas bastava reparar mais atentamente e via-se a pouca idade, quase menina. Viera de completar dezesseis anos e, por coincidência, no dia do aniversário recebeu notícias de José Daniel em carta de Rosenira, presente melhor não poderia ter desejado. A prima — prima? — contava que José Daniel voltara e ficara uma fera ao saber que ela viajara para a Bahia com os patrões. Dois dias depois outra carta, dessa vez dele próprio, a letra firme e o jeito autoritário, apenas o endereço no envelope fora escrito por Rosenira para não chamar a atenção. José Daniel explicava tudo tim-tim por tim-tim e exigia sua volta, marcava data para a chegada, vinte dias de prazo: vou te esperar na rodoviária, durante três dias, a partir de dezoito de abril, na parada do ônibus da Bahia. Não dizia qual deles, mas só podia ser um dos ônibus sem leito, os de passagem mais barata. Precisava saber o preço.

Baratinada com a carta, o pensamento em José Daniel, no primeiro ímpeto resolveu acabar o namoro com Boris. Matutou, porém, enquanto passeava o menino pelas ruas vazias, não costumava agir precipitadamente. Uma turma da companhia de eletricidade estava substituindo a lâmpada do poste da esquina. Boris apagara a outra com uma pedrada certa no começo do namoro. Pensou no rapaz com afeição: gostava dele, bonitão e muito educado, para um namoro passageiro não podia haver melhor. José Daniel a fizera sofrer, merecia um castigo e ademais agrado não tira pedaço, o que era dele o bicho não ia comer, isso não. Ainda tardaria mais uns dias a embarcar, não tinha por que perder a folgança, os beijos, os apertos e, quem sabe, poderia vir a precisar da ajuda de Boris. O que, de fato, aconteceu.

Quem a visse, a face parada, silenciosa, carregando o menino, jamais a imaginaria capaz de planejar e decidir. Moleca boa, aquela, diziam todos, devotada à criança, asseada, não incomoda ninguém, não é respondona, sempre de boa paz. Por vezes com o olhar perdido, o ar ausente, até havia quem a achasse um pouco débil mental.

Em que será que essa menina está pensando? — perguntou dona Nazaré, a patroa, ao marido Luiz Tê (Tetriadovsky, isso é lá sobrenome que se use?), engenheiro, poeta nas horas vagas. — Será no tal sujeito?

— Aquele já era, minha filha. Arranjou outro aqui, um grandalhão de cabelo vermelho, muito atencioso. Na outra noite, aquela em que cheguei tarde e ainda por cima o pneu pifou no começo da rua, veio me ajudar; para falar a verdade fez tudo sozinho. Quis gratificar, quase se ofendeu.

— Espero que, tendo escapado de um, não caia na boca de outro...

— Na hora, pode ser, depende dele saber se posicionar. De joelhos ou sentado, não tem problema. Não vejo jeito é para o resto. Comer uma virgem de pé não é tarefa fácil. Falo com conhecimento de causa. Quando era jovem, tentei sem resultado.

— Cínico! Lá vêm você com suas patifarias... — enroscou-se no marido, adorava ouvi-lo contar aventuras anteriores ao casamento.

Virgindade comprovada. Caloca, doutor Carlos Imbassay, ginecologista amigo da família, que acompanhara a gravidez e fizera o parto de Nazaré, comentou, com sua língua suja, após o exame:

— Mais pura do que a Virgem Maria antes do Espírito Santo. Nunca vi babaca mais fechada, nem sei como passa a urina.

Siroca se sujeitara ao exame sem protestar, carrancuda, respondendo com monossílabos às perguntas do médico, que não pôde conter um leve assobio de admiração quando contemplou o corpo da moça — esplendor para destaque de Escola de Samba.

Nazaré decidira levar a afilhada ao consultório médico após aquela infernal semana durante a qual Siroca saía todas as noites sem pedir licença, voltando cada vez mais tarde. A patroa, alarmada, ficava à espera, de plantão. Quando Luiz Tê, cansado do dia extenuante no canteiro das obras, protestava contra aquela vigília absurda, Nazaré dramatizava sua responsabilidade:

— A mãe entregou essa peste em confiança, foi criada lá em casa, ainda por cima sou madrinha dela, imagine se aparece de bucho grande, prenha!

Não adiantava sermão, conselhos, gritos, ameaças — até de pancada ameaçara, sem resultado.

— Pode me bater se quiser, madrinha. Não vou deixar de gostar dele. Nem morta.

Ouvia os sermões em silêncio e quando Nazaré exigia resposta às perguntas precisas, contava com voz inexpressiva:

— A gente tava aqui pertinho, sentado num banco, na praia, conversando. Não tava fazendo nada de mais.

— Sozinhos?

— Rosenira tava junto, pergunte a ela se quiser.

Nazaré tinha horror a José Daniel, encanador de profissão, não que ele fosse pior que os outros vários candidatos à estreita virgindade de Siroca, mas por sabê-lo casado, pai de filhos. Que futuro poderia oferecer à rapariga, além de comê-la e largá-la na vida? Não ajudara a criar Siroca para que ela terminasse fazendo a vida em Copacabana, pegando homem. De sua casa, devia sair para casar com um bom rapaz, vestida de noiva, com véu e grinalda.

Luiz Tê acabava por perder a paciência:

Nazá, minha filha, isso não pode continuar. Você não dorme, não me deixa dormir, fica nessa lengalenga com Siroca até de madrugada. Você anda com olheiras, se alimenta mal e sabe há quanto dias a gente não pitoca?

— Sem-vergonha, não sabe pensar noutra coisa... O que queres que eu faça? Siroca foi criada lá em casa, me deram ela de afilhada quando eu completei nove anos, como se me dessem uma boneca... Não posso consentir que ela se desgrace. Não tem juízo.

— O melhor é você mandar ela de volta para a casa dela, a mãe que tome conta.

— E onde a gente vai arranjar outra? Uma que cuide de Tinho com o desvelo que ela cuida, que seja limpa, um trem no trabalho, obediente?

— Obediente?

— Antes, era. Foi esse José Daniel quem virou



a cabeça dela. Assim mesmo só desobedece quando se trata dele.

— Manda ela passar uns tempos com a mãe. Até esquecer...

— Mandar para onde? Faz mais de dois anos que a mãe dela se mudou de Botucatu e nunca mais deu notícias.

— Então deixa a moleca seguir o destino dela. Larga de mão.

— Ah! Isso não! Enquanto eu tiver forças, esse canalha não vai abusar da pobre. Nem que eu tenha... — sentindo a mão do marido por debaixo da camisola, foi perdendo as forças, não terminou a frase.

Depois do desvario habitual, aquela tempestade, fechou os olhos, adormeceu. Acordou pela madrugada, aflita. Levantou-se, enfiou a camisola — dormira nua, a mão de Luiz Tê, mão viciosa, tocando-lhe os pêlos. Pé ante pé, dirigiu-se ao quarto de empregadas, no fundo do apartamento. Na porta semi-aberta, forçou a vista: no leito de baixo, descomposta, a combinação deixando ver os peitos enormes, as coxas expostas, arfava Laura, a cozinheira, o rosto suado. “Como consegue dormir nesse forno? No fim do mês, quando Luiz receber, compro um ventilador para elas. “Ergueu a vista para a cama de cima, não tinha sido ocupada. “Que horas serão?”

A sorte é que Siroca não tardou a chegar. Nazaré apenas a mediu com os olhos e, apesar da indignação, constatou a formosura da afilhada: as calças jeans apertadas, oprimindo-lhe as ancas, o volume dos seios, soltos sob a blusa florada que herdara de Nazaré, a carapinha assentada, veludosa. “O cabelo dessa negrinha é um veludo”, dizia o velho Matias, freguês do almoço dominical; baixava a mão do cabelo para assentar um tapa na vastidão da bunda, prazer de velho é coisa à-toa. Tão linda, merecedora de melhor sorte: um rapaz direito que a tomasse em casamento.

Parada junto à porta de entrada, Siroca esperava o esporro habitual (“bater sei que não vai me bater nunca, é xingo e nada mais; preferia que batesse”), as palavras ásperas, as queixas amargas e, pior que tudo, os conselhos. Terminou por romper o silêncio:

— A gente ficou conversando, nem viu as horas passar.

— A gente, quem?

— Eu e José Daniel, hoje Rosenira não veio.

— Amanhã vou levar você ao médico.

— Ao médico, madrinha? Mas, se eu não estou doente...

— Não pedi sua opinião.

Siroca falou para dentro: “isso que a madrinha está pensando, quem me dera fosse verdade, era tudo que eu queria”. Parecia um anjo, a face de inocência, Nazaré teve vontade de chorar.

Quando a situação parecia atingir um ponto insuportável, tudo se resolveu de vez e pelo melhor. Primeiro aconteceu aquele verdadeiro milagre que mudou por completo a situação do casal: a oferta feita a Luiz Tê, por intermédio de um colega de renome, seu professor da Universidade. Colocado à frente de uma grande indústria nas proximidades da cidade da Bahia, necessitava de engenheiro competente, que não

se assustasse com trabalho, fosse responsável e de confiança; para ser seu assessor imediato. Pensara no antigo aluno, cujo talento o impressionara e que vegetava naquela construtora sem futuro. “Que lhe parece, caro Tê, ir para a Bahia?”

Proposta feita, proposta aceita. Luiz Tê embarcou em seguida, precisava assumir o posto imediatamente, Nazaré ficou com o encargo de liquidar o apartamento, passar o contrato adiante, embalar e despachar os pertences. Da Bahia, o marido telefonava entusiasmado; a empresa fornecia casa mobiliada numa “praia deslumbrante, nunca vi nada igual”, a meio caminho entre a cidade e a fábrica, e financiara em boas condições a compra de um automóvel, absolutamente indispensável. “É o paraíso, Nazá!”

— É o paraíso, Siroca, Luiz está empolgado. Diz que para Tinho vai ser maravilhoso, tem onde passear à vontade, ar puro, não vai ficar confinado num apartamento como aqui... E nós duas vamos aprender a fazer pratos baianos, Luiz já conseguiu uma cozinheira especialista...

— Não vou para a Bahia não, madrinha.

— Como não vai?

— Não vou não.

— Tu vai, queira ou não queira. Tu não tem querer. Te levo a força.

— A senhora não é minha mãe nem doutor Luiz meu pai.

— Enquanto fores menor tens de me obedecer.

— Não tenho, não senhora. Vou ficar em casa de Rosenira, arranjo emprego.

— Tu vai é atrás desse miserável... Vai se perder com ele.

“É só ele querer”, concordou Siroca em pensamento, enquanto dizia.

— Vou sentir falta de Tinho.

Depois dessa conversa, afilhada e madrinha deixaram quase de se falar. Mas Siroca cuidava do menino com desvelo, limpava e arrumava o apartamento e assumiu a cozinha quando Laura, contratada por uma família do mesmo edifício, foi embora sem esperar pela viagem da antiga patroa. Nazaré decidira consultar um advogado para saber que meios legais podia usar para reduzir Siroca à obediência, quando certa manhã, inesperadamente, a moleca lhe comunicou:

— Madrinha, vou ir com a senhora.

— Está falando a verdade, Siró?

— Tou, sim senhora.

— E... e... José Daniel?

— Se acabou.

— Terminou com ele? Viu que ele não prestava?

— Não foi assim, não. Ele é que foi embora. Se acabou.

Voltou as costas, recomeçou a trabalhar. Nazaré saiu naquela mesma tarde à procura de Rosenira, arrumadeira num apartamento das vizinhanças. Era dia de folga da moça, mas a dona da casa, simpatia de pessoa, conhecia e forneceu o endereço da parenta de Siroca — parenta ou simples contrerrânea? — num subúrbio distante. Nazaré não

vacilou: enfrentou o trem, andou um bom pedaço a pé, finalmente encontrou a casinhola numa rua de canto — nunca vira tanto menino em sua vida.

Chegou esperançosa: Rosenira e Siroca eram amigas íntimas, saíam juntas, e se alguém estava a par do que se passara, esse alguém era Rosenira.

Saber, sabia, mas não muito. Siroca não se abria, menos ainda quando se tratava de José Daniel. Não fazia confidências nem ouvia conselhos. Ela, Rosenira, se cansara de alertar a prima — se tratam de primas, é como se realmente o fossem — para o fato de José Daniel ser casado, viver com a mulher e os filhos, duas meninas e um menino, e de já ter feito o benefício a várias que andavam por aí de menino no braço, filho sem pai. Adiantou? Dona Nazaré bem que sabe que não. Ela, Rosenira, fez o que pôde: saía com eles, até namorou o tal do Mundinho Cabeção, amigo inseparável de José Daniel, para melhor cuidar de Siroca.

— Pois fique sabendo de uma coisa, dona Nazaré: de pouco isso ia adiantar porque se ele quisesse fazer mal a ela, tinha feito, quem estava doidinha por isso era ela. Ele é que nunca propôs.

— Não venha me dizer que era namoro — ia dizer platônico, não disse — namoro de caboclo...

— Não vou mentir pra senhora: era de tirar faísca, cada beijo, cada chupão de dar inveja. A senhora sabe que o apelido de José Daniel é boca de mel? Fez com ela o que bem quis mas não comeu não senhora. Por que teria sido, dona Nazaré?

— Como posso saber? E agora, acabou mesmo?

— Pois é: tão apaixonado que estava, vai e manda uma carta dizendo que tinha de fazer uma viagem para resolver um assunto, ia sumir durante uns tempos, Siroca que fosse desculpando. Um dia, se desse jeito, voltaria para casar com ela.

— Casar com ela? Ele não é casado?

— Pois é, veja a senhora.

— O que foi que ela disse?

É de pouco falar, a senhora sabe. “Me largou, não quis de mim”, foi tudo que disse como se não fosse dez vezes pior se ele tivesse querido e depois largado — fez uma pausa. — Eu só queria saber, dona Nazaré, porque José Daniel não comeu ela. Tem cada coisa no mundo mais sem explicação.

Quando Siroca acabou de falar e sorriu, Boris olhou para ela, pasmo. A lâmpada nova, acesa no poste, iluminava um rosto calmo, tranquilo.

— Tu está me pedindo para te ajudar a fugir para o Rio, para se encontrar com outro, o que é o dono do teu cabaço... É isso mesmo?

Siroca balançou a cabeça, concordando:

— Tu vai fazer, não vai?

Quem lhe metera tal idéia na cabeça? Pensava que era o quê?

— Eu sei que tu vai fazer.

Deixara de sorrir, agora parecia inquieta, os olhos súplices.

O riso se desatou, a incrível risada de Boris, gaitada única e indefinível, alegre e irônica, depois dela tudo podia acontecer. Aqueles que a escutaram jamais puderam esquecer-lá. A maioria não conseguiu decifrar seu significado, os que tentaram explicá-la não obtiveram sucesso. Boris ria, as mãos nas cadeiras, esse mundo louco. Ah! Esse mundo inconsequente!

“Que bom que ele não riu assim quando estava querendo que eu desse”, pensou Siroca. Nenhuma resistiria, quanto mais quem estivesse amolecida de agrados, o corpo úmido. Igual a ela, junto ao poste.

— O que é que eu tenho que fazer?

Fez tudo que ela lhe ordenou, sem reclamar, sem pedir explicações, sem querer saber os motivos. Inclusive, naquelas últimas noites de namoro, não se aproveitou de Siroca estar toda agradecida, dengosa, acesa num fogo nunca visto, para tentar colher os três vinténs que ela lhe negara por tê-los prometido a outro. Perdera o interesse e se a apertou contra o peito, se beliscou-lhe os seios e alisou-lhe o ventre, se buscou com os dedos os pêlos do xibiu e tocou a brasa acesa, foi para não ofendê-la pois o desejo passara; Boris se dedicara totalmente ao plano de fuga.

Recolheu a mala que ela lhe passou de madrugada, tinha onde escondê-la muito bem escondida. Compareceu à rodoviária para comprar a passagem no ônibus sem leito que saía às 19 horas e como o dinheiro que ela lhe dera fosse insuficiente — as passagens agora sobem a cada quinze dias —, teve de ir tomar emprestada a quantia que faltava. Durante duas noites foi visto rondando os muros da casa do engenheiro para receber os últimos pertences. A cozinheira sabia do namoro mas, se desconfiava da fuga calou o bico. “Não ia se envolver com um marginal por causa da moleca metida a besta e a bonita. Depois abriu a boca, quando a polícia ameaçou.

Nessa altura Siroca já ia longe, o ônibus saía no horário e só no dia seguinte foi dado o alarme e consignada a queixa. Siroca deixara a casa pela porta da rua, vestida com o uniforme de trabalho, Boris a esperava no ponto combinado. Na praia mudou de roupa. Antes que se pusesse nos trinques para a viagem, ele a viu nua, inteirinha, quando a moça retirou o uniforme que usava em cima da pele. A luz desceu para espia-la e houve um fulgor de estrelas. Boris não se moveu se bem tivesse sentido o coração pulsar mais forte. Tinha dito que ia fazer, não voltava atrás.

— Vam'bora!

Nua como estava, Siroca se prendeu contra ele num beijo derradeiro.

— Se não tivesse dono, eu tinha te dado. Tu foi bom demais.

Tomara emprestada a moto de Toquinho, colocou Siroca na garupa, a mala sobre as coxas: pôs a máquina em marcha e lá se foram. Com o escape aberto, um barulho dos demônios, passaram em frente à casa do engenheiro, pela janela a cozinheira os viu. Uma glória! — pensou Siroca na garupa da motocicleta. Amanhã estaria nos braços de José Daniel, por fim ia ser dele.

Boris esperou que o ônibus partisse, respondeu ao adeus. Depois voltou a rir, aquela gargalhada indescritível, a gaitada incomensurável, ria de quê? Passageiros olhavam-no assustados, sem entender. Maluco, com certeza.

Texto extraído da Revista Playboy nº 85 — agosto de 1982

Bulgária



Lyudmila Zhivkova é um nome diretamente ligado a cultura búlgara. Mulher de extrema sensibilidade e inteligência, dedicou sua vida a causas em defesa dos direitos da liberdade e da harmonia entre os seres humanos.

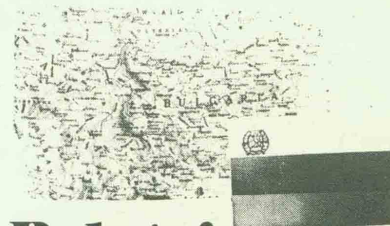
Viveu pouco, morrendo aos 39 anos, em 1981, mas neste período desenvolveu pesquisas originais, tendo estudado em Moscou e Oxford, publicou textos sobre história, cultura e artes, e foi Secretária Geral do Partido Comunista Búlgaro, Presidente do Conselho de Estado da República Popular da Bulgária, Vice-Presidente do Comitê de Amizade e de Relações Culturais com o exterior.

A Fundação Lyudmila Zhivkova foi criada para divulgar a cultura, as artes, e as ciências, e sua sede em Sófia, na Bulgária é um dos grandes centros de estudos do país. Para realizar os seus objetivos são organizados concursos, simpósios, conferências, exposições, convênios com outras instituições, e isto levou a assinar, através do embaixador no Brasil, Gueorgui Guiurov, dia 14 de Abril, às 17 horas, no Largo do Pelourinho, seu intercâmbio com a Fundação Casa de Jorge Amado.

É uma ligação técnico científica no campo das pesquisas literárias, costumes populares, tradições, e outras manifestações artísticas. A partir daquela data, uma troca constante de informações e estudos passou a existir entre Brasil e Bulgária, principalmente no campo da tradução e publicação de obras literárias. Outro ponto realçado na assinatura do convênio será a luta que esta união fará em defesa da paz, do conhecimento e da fraternidade entre as nações.

Lyudmila Zhivkova
National Palace of Culture

Para iniciar este contato, a EXU, em suas páginas seguintes, mostra um breve panorama de autores búlgaros, uma literatura quase desconhecida entre nós, com alguma rara tradução, tanto que para tal empreendimento tivemos que recorrer a língua espanhola, pois em português tal seleção não nos seria possível. Os textos aqui reproduzidos foram extraídos da OBZOR n.º 78/1987, revista trimestral Búlgara de Letras y Artes.



Bulgária

PETAR ALIPIEV

Tradução de Lily Cardich

Viento del sur

Como jugando y sin querer queriendo,
comenzó royendo la nieve del tejado,
derritió el delgado hielo de la cañada
y hasta mi ventana con su soplo tocó.

Una a una las gotas caían tintineantes,
su hálito imperioso hasta el monte llegó,
rodeó el mismo pico desplazando a la nieve
y le puso una gorra negra como de piel.

Y desde las rocas heladas, escarchadas,
por pendientes soleadas, bajo los mismos hielos,
por un sinfín de cauces como venas del campo
rumorosa agua pura empezó a manar.

La oscura tierra fértil, inabarcable, hermosa
en vapores envuelta hasta el bosque y el cielo,
respira desde adentro, toda ella es un ser vivo,
catarsis de la vida en aras de la vida.

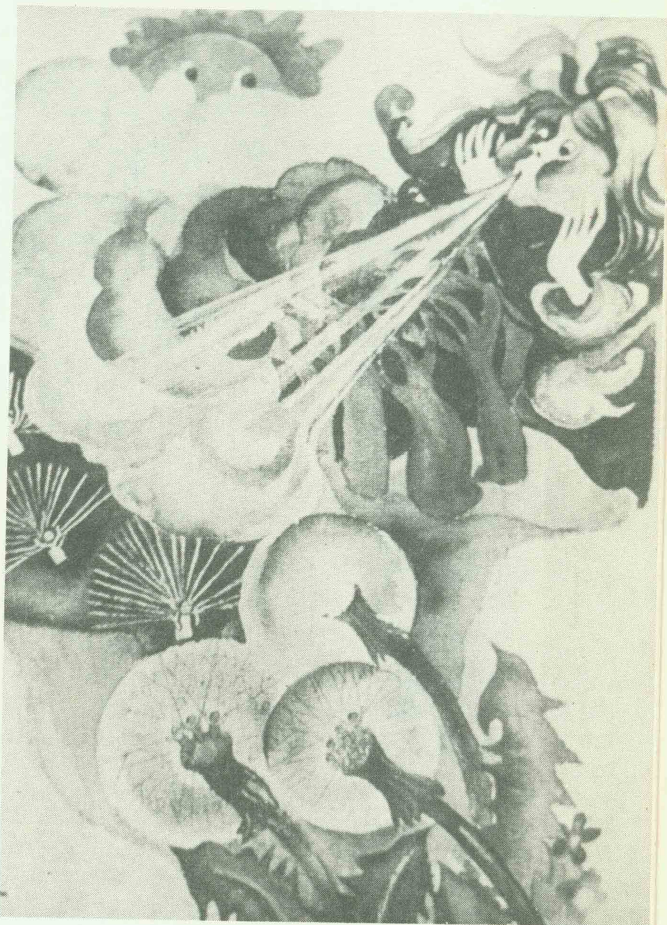
Todo cuerpo tremante donde grita la vida
ante el viento sureño se descubre la faz.
Mi alma se arrebata en una ilusión loca:
siento que en esta hora acabo de nacer.

Blanco vaho se eleva

Blanco vaho se eleva
por sobre la arboleda,
la zorra saca al sol
sus crías temerosas,
la concavidad inmensa
del cielo es aún más honda,
y se yerguen los fresnos
al sentir savia nueva,
y atesora la abeja
fino polen dorado:
no quisiera morir,
no quisiera morir...

Las florecillas brindan
sus primeros capullos,
la loba va de caza
siguiendo huellas ferscas,
el autillo sombrío
llama toda la noche,
juncos floridos silban,
son la voz del pantano,
danza la hierba joven
emпинando sus tallos:
no quisiera morir,
no quisiera morir...

Ilustração de Costadinka Miladinova





Bulgária

Tradução de Margarita Drenska e Jesús Sabourín

PAVEL MATEV

Remembranza

En Mongolia, país lejano, fui
un visitante. Del otoño era
muy calmo el tiempo. Un frío frescor allí
reinaba por la angosta barranquera,
donde me dio cobijo un buen hogar.
Gustaba de esta casa que pendía
en cima y nieve. Estrellas su techar,
como estrella en la noche relucía.

No noche: era un clamor de oscuridad.
Las hojas vigilaban su mutismo,
cuando oí plegaria, llanto en ansiedad
junto a mi casa al borde del abismo.
Se endureció el sosiego alrededor.
Los ojos vieron esto en un instante;
Los ciervos suplicaban por amor
llamando, arrodillándose tremantes,
prestando oído al viento de doquier...
Con pasión y amenaza reclamada
la cierva indócil tuvo que ceder
y fue pagana fiesta consumada...

Así, entre llamamientos y quietud,
las noches transcurrieron de mi estancia.
Con ruego el ciervo hallaba plenitud.
Y eso, ¿era lúbrica o sagrada ansia?

O una bondad que límites no ve
callada y de nosotros ya lejana;
y en cada esencia triunfo de lo que
eterno y no falseado de ella mana.

Pasión

Y al hondón del alma quiero ir
a indagar todo. Su reverso
palpar yo mismo y decidir
qué es lo sagrado y lo perverso.

Pero surgió en mi corazón
fisura. Se abre desolado
y aguarda la inspiración
del arte que nunca es logrado.

Y por eso me siento mal,
incluso triste, algunas veces.
Pero en mi el impetu inicial
con fidelidad permanece:

mirar el mundo sin doblez,
ver en la nada una esperanza
y como un trágico en lo que es
fijarme en medio de mudanza...

Para que juntar pueda en mí
amor y justicia en un vuelo.
Con esas alas goza así
su perfección al fin mi anhelo.

Denitsa

Es MUY pequeña. Cuando le preguntan cuántos años tiene, encoge los deditos y luego enseña: tantos. Solamente Chocho, el bondadoso y travieso perrito todo peludito, tiene menos edad que ella. Chocho ni siquiera puede hablar. Porque Denitsa le grita: ¡Bau!, pero él se queda callado. Todos los perros suelen lanzar un “bau” como respuesta, cuando se les grita ¡Bau! Eso se sabe desde los más remotos tiempos. Tan sólo Chocho no dice nada, se queda a su lado dando brinco y haciendo zalamerías a sus pies porque es pequeñito y no sabe hablar. Cuando crezca, Denitsa le enseñará a decir “bau” y lo llevará al balcón para que vea la gallina. Esa gallina apenas sí dice lo, co, ro, co, y ya pone el huevo. Los huevos se comen. La abuela los pasa por agua primero y después se comen. Sí...

Denitsa abre un ojito, luego el otro y en seguida se tapa los ojitos con las manos. El sol penetra por entre los deditos en abanico, asomando por la ventana su cuerpo hasta la cintura, y, el muy retozón, quiere jugar con Denitsa. La niña despega lentamente sus manitas mirando con astucia por debajo de ellas: ¡Oye, solecito! El sol es bueno, porque brilla y calienta. Denitsa le sonríe, el sol se pone a contar sus dientecitos, todos son blancos como la nieve, y le conquitilla la nariz. Denitsa ríe en voz alta y mira la cama de los mayores.

Papá está aquí. El siempre está aquí, pero lo que sucede es que también mamá está. O sea, hoy es un día en que todos están en casa. Papá se ha despertado, no tiene más que llamarlo. Denitsa pone a un lado el sol, luego jugará con él, y despacio, despacio se levanta: ¡Papá! ¡Buenos días, hijita! ¿Dormiste bien?, pregunta papá y rápido la pone en la bacinilla. Ella lo sabe muy bien que sin esto no hay caso. La Abuela Osa, Denitsa hace un mohín con la nariz, está ahí, bañándose. ¿Bañándose?, ríe papá. Está claro, habrá que ir al Zoológico. Pero Denitsa tiene otras cosas que decir. El tobogán, recuerda ella. Pues, habrá que ir también al tobogán. Mamá, el bu-bu! En el coche de mamá irán al mercado. Ya está decidido. Denitsa bate palmas con alegría y anuncia: Ya hice pipí, ¡levántame!

Ahora que todo está arreglado, mientras la visten y lavan, ella puede preguntar por los demás. Mejor dicho, no preguntar sino explicar: la abuela Danche y el abuelo Gueorgui están allá, en Plevén. Allá llueve. Llueve, llueve así, y Denitsa separa los deditos bajo el chorro de agua de la pila para enseñar cómo cae la lluvia, el agua helada escalda los dedos y todo eso es tan maravilloso que Denitsa se desternilla de la risa. Yo lo sé, lo sé, mamá la calma, ahora a lavarnos la cara y los dientes. Bien, consiente Denitsa ofreciendo dócil su pequeña nariz. Pero antes de hacerlo no se olvida de ponerla al tanto de todo: allá arriba, la otra abuela.

Denitsa vive en el cuarto piso, en el séptimo viven la otra abuela y el otro abuelo, es decir, la bisabuela y el bisabuelo. La abuela Kutolia, el abuelo Vlado y también el tío Pepi. La abuela Kutolia en realidad se llama Victoria pero Denitsa la bautizó así, y así se le quedó: abuela Kutolia. En el séptimo piso, en el balcón, vive también la gallina. La compraron en el mercado para otro fin, pero... inesperadamente puso un huevo y la abuela Kutolia declaró la amnistía. La inmistía, repite Denitsa imitando a su abuela. Desde entonces la gallina se siente en la obligación de poner cada día un huevito fresco para Denitsa. Tan sólo en los días fríos rompe el acuerdo. En tales días el otro abuelo la mira de reojo, pero la abuela lo frena como suele hacerlo siempre en los últimos ochenta años: ¡Dejala, viejo, mira qué bonachona es!

Todo eso se lo cuenta con lujo de detalles a su mamá porque ella no sabe nada, viene una vez a la semana y no sabe nada. Yo lo sé, ya lo sé, la tranquiliza su madre mientras prepara el desayuno. Deja de balbucear, ¡a la mesa! En ese mismo instante oye un tu-u-u-u, es el silbido del trencito. Para justo al lado del bloque de viviendas, por la carretera circular. Mamá, quiero ver el tren. Y Denitsa extiende los bracitos. Mamá la lleva a la ventana y Denitsa con los ojos

muy abiertos se va apoderando de los vagones del pesado convoy, uno tras otro. Se ha hecho amiga del tren, no de todo el convoy sino de la locomotora. Es así de pequeña y rojita como Chocho. La locomotora siempre lanza un silbido para que ella se asome a la ventana. Y mientras Denitsa agita el brazo, la locomotora se va yendo, se va yendo, se va yendo, despacito, despacito. Una vez papá la llevó a que la viera de cerca: no le gustó. Es que de cerca es una cosa grande, Denitsa abre los brazos en cruz para enseñar lo grande que es. Pero eso le parece insuficiente y los levanta más aún, poniéndose de puntillas: ¡Es así de grande! Bien, bien, dice mamá. Vamos, ¡a desayunar!

El desayuno es un ritual, ella debe quedarse ahí, sentadita hasta que aparezcan la chica y el gallito pintados en el fondo del plato. De ellos se habla durante todo el tiempo. Aquí está la chica — hinca el dedo Denitsa —. Pero mamá no se llama a engaño, revuelve la papilla y dice: ¡come y déjate de astucias! Papá, agacha la cabeza Denitsa, pero no hay forma papá, no puede ayudarme, aquí es mamá la que manda, y Denitsa haciendo pucheros coge la chuchara. ¡Cuéntale a mamá lo del mar!, dice papá como para sacarla del apuro y la carita de Denitsa se enciende en seguida: ¡el mar, tiene, muta, muta agua! ¿Verdad?, se asombra mamá. Y las olas hacen plaf, plaf — añade Denitsa —. ¡Bravo!, mamá se alegra. La niña con el gallito empieza a asomarse, el mar ha hecho lo suyo. Sin embargo, Denitsa comienza a sospechar, frota su barbilla y arruga la nariz. ¿Cómo sabe mamá lo del mar? Pero si yo estuve allí con el abuelo Gueorgui, mamá nunca ha ido al mar Cuando regresó del mar todos le decían el “chocolate”. Pero Denitsa agachaba la cabeza, meneaba las caderas y respondía: no soy chocolate, soy una chica. Y cosas así...

Estos son los ánimos de Denitsa, pero lo importante es que todo ya llega a su fin. Papá está ahí parado en la puerta con las bolsas para las compras, mamá como siempre está buscando a último momento qué ponerse para salir, pero al final saldrá con lo que lleva puesto. O sea, las cosas se arreglan. Denitsa marcando el paso a lo largo del vestíbulo, sin hacerles caso a las Mimíes (sus muñecas) y espera salir de compras de un momento a otro. Hace mucho que el ascensor ya no es ningún milagro. Denitsa incluso puede apretar sola los botones, pero no los alcanza, qué importa, papá es grande: ¡papá, levántame! Y listo, ya están en el jardín delante del bloque de viviendas. Y aquí sí que está el milagro.

Los jardineros riegan las flores. El chorro de agua dibuja un arco que llega al otro extremo del edificio. Denitsa mira pasmada, tiende su mano para tocar el milagro y llega a la conclusión: ¡Mamá, el cielo pintado! De pronto echa a correr por el césped y entre el agua. Mamá grita detrás de ella: ¡No pases por debajo del arco, te volverás un chico! Pero qué va, Denitsa da brincos en medio de una miriada de salpicaduras em rojo, verde y naranja; su risa tiene también el color del arco iris, el tren se detiene para saludarla, el sol se inclina hasta más no poder y parece que se va a caer. Denitsa tan pronto desaparece como reaparece, la luz y el agua hacen maravillas con ella: ahora se la ve muy cerca, redonda cual un balón de fútbol, al rato se aleja, delgadita, casi incorpórea, un hilito acabado de tejer por una minúscula araña. Un hilito en que, en realidad, se apoya este fabuloso mundo lleno de magia y pequeños secretos. Comienza un nuevo día.

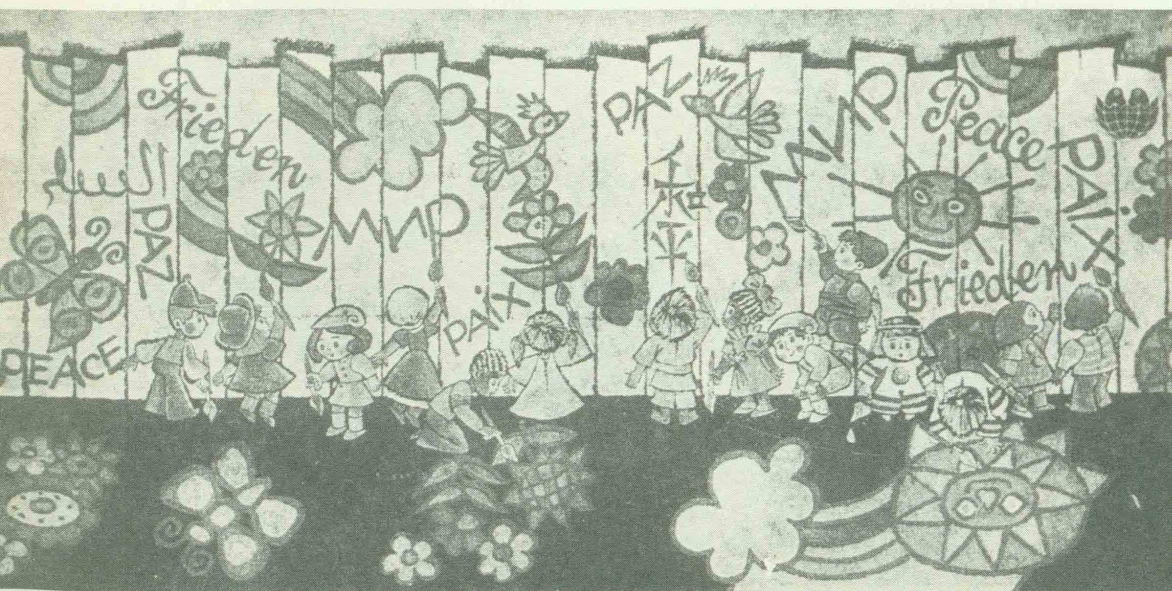


Ilustração de Véneline Valkanov

BLAGOY DIMITROV

Tradução de Margarita Drenska e Jesús Sabourín

Auto-retrato

Dilapidé mi vida cordialmente
entre nubes e imágenes...
Ahora me detuve ante el espejo,
que agrietan mis arrugas en reflejo.
Recuento sus pedazos y alarmado
a mis reflejos solitarios los compongo.
¡Ay, nunca he sospechado
que así sea entero: cerca yo me pongo!
Atrás me eché, los años se deslizan:
¡ni pálpitos,
ni agitación,

ni ensueños!
Las grietas suave cicatrizan
y júnctanse mis rasgos con su dueño...

Mas cuando desde lejos quiero verme,
sin las arrugas que copió el cristal,
no puedo ya a mí mismo conocerme,
de reducido a punto tal

Herradura

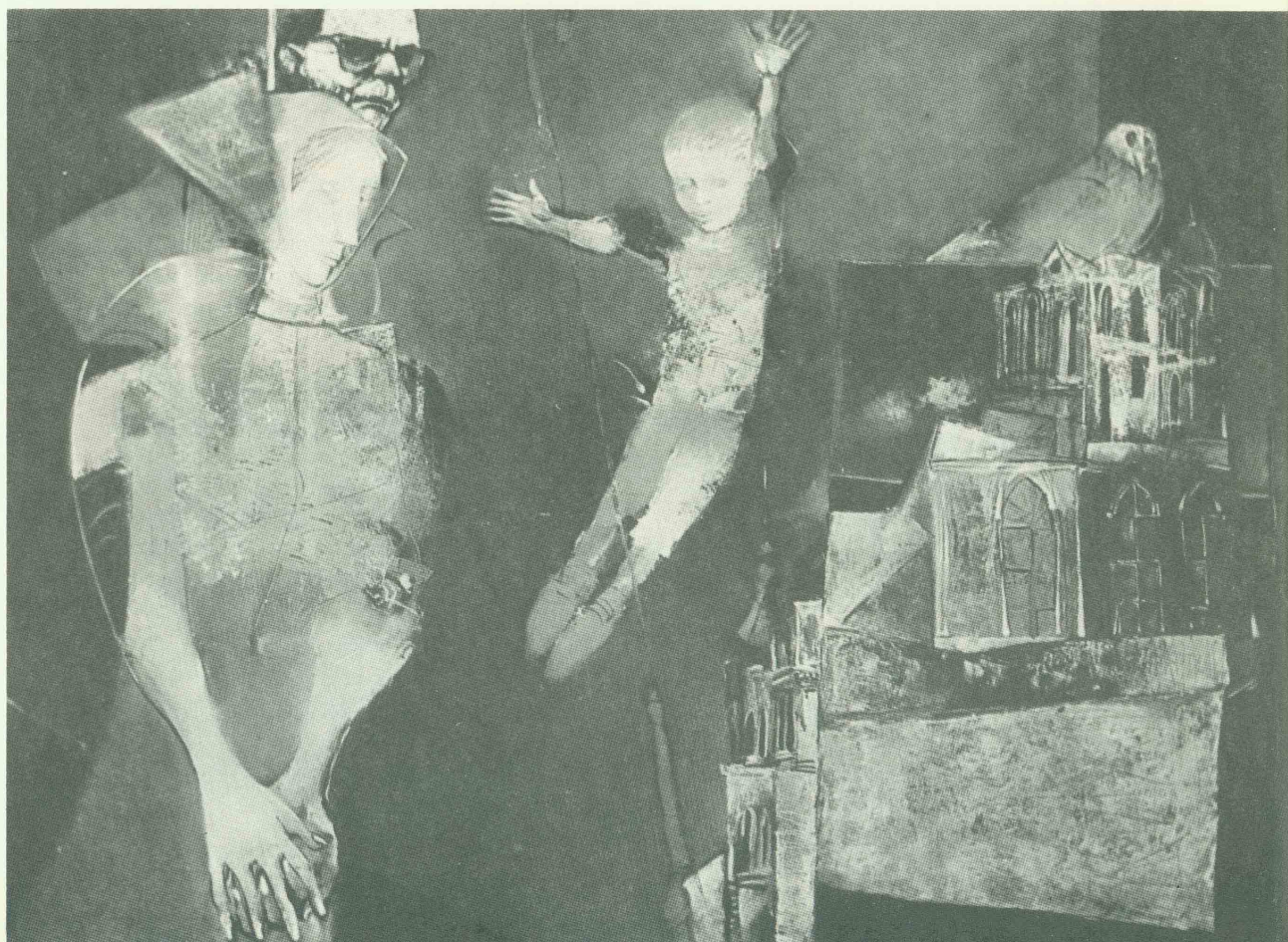
Una herradura única en mi casa.
A las demás se las llevaron
diversa gente,
que nunca llegarán a comprender
la oculta magia de un sendero en el bosque,
de noche, cuando brillan los troncos
o cuando la montaña empieza a despertar.

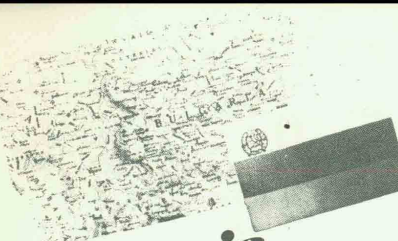
Una herradura única en mi casa.
No la aprecié entonces you.
para que se le alegrara quien viene tras mi.
No lo advertió. De envidia ciego estaba.

Una herradura única en mi casa.
Superfluo enser.
Inútil ironía.
Memoria con orín de éxitos y sañas.

El ser humano es así:
¡pierde la dicha, pero al símbolo lo guarda!

Ilustração de Guéorgui Trifonov





Bulgária

PEIV YÁVOROV

Tradução de Juan Edardo Zuñiga

Los amigos

Apagada la llama juvenil, en los entusiastas amigos
hoy veo la bondad borreguil: a todos en los rostros
la vida implacable ha llegado a estampar
con cínica burla su sello de maldades.

¿Alguno de ellos, tras de mí, con envidia
me mira y suspira? ¡Pues cree que soy feliz!
Me apiado de su suerte, me apiado con amargura.
Pero de mí, ¿quién se apiada, quién me comprende?

Una palabra

El bien y el mal, el principio y el fin
los uniría en una sola palabra.
La lengua jamás la ha pronunciado...
Pero yo, oh dolor, la conozco
sin sonidos si palabras.

Sí, está aquí,
en mi frente: de angustiosa dulzura,
infinitamente larga y en exceso breve,
oscura y luminosa.

No, ella está allí,
en la pared desnuda: estrella desprendida
del claro cielo, caída por desgracia
en la sombría tierra.

Como una serpiente
ella, radiante, cruza las tinieblas
y brilla entre mí y la pared,
más viva a cada instante.

¡Ay! por su boca
el hombre jamás la ha pronunciado,
palabra santa y a la vez maldita...
¿Habré de estrellarme contra la pared,
o antes la escribiré con sangre?

Carta

¿Te acuerdas
del mar y de las máquinas,
y las bodegas del barco

llenas de penumbra pegajosa?

¿Y del salvaje anhelo

por las Filipinas,

por las grandes estrellas

sobre Famagusta?

¿Te acuerdas al menos de un marino
que no oteara a lo lejos,
allá, en el crepúsculo muriente,
donde se siente el aire del trópico?

¿Te acuerdas de cómo

poco a poco

se fueron enfriando las últimas esperanzas,
y nuestra fe

en el bien

y en el hombre,

en el romance,

en los anhelos

vanos?

¿Te acuerdas de cómo

tempranamente

nos cogieron en la trampa de la vida?

Cuando nos dimos cuenta

ya era tarde.

Ya estábamos atados cruelmente.

Como animales enjaulados,

nuestros ojos

brillaban ansiosos,

pidiendo,

implorando perdón.

Eramos jóvenes,

éramos tan jóvenes entonces...

Y después... después

un odio

se arraigó en nuestros corazones.

Como gangrena,

o peor aún, como la lepra,

crecía hasta podrir el alma,

trenzaba sus crueles redes

de vacío

y de sombría desesperación,

reptaba por la sangre,

aullando amenazas,

pero era temprano, era demasiado temprano...

Y allá,

alto en el cielo,

maravillosamente

de nuevo agitaban sus alas las gaviotas,

De nuevo el cielo brillaba

como cristal,

y el espacio era

azul e infinito.

En el horizonte lentamente

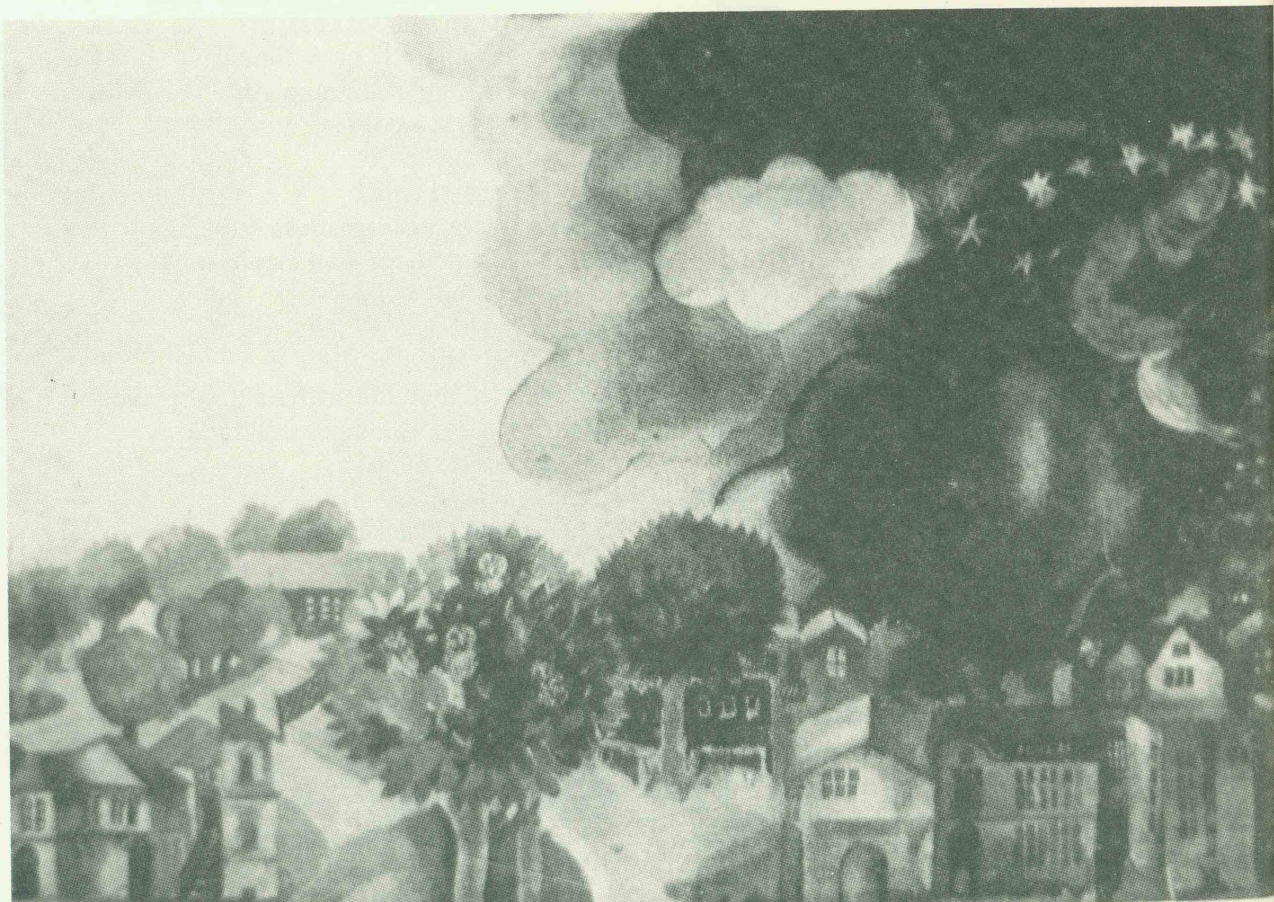
se perdían las velas

en la noche

y los mástiles desaparecían a lo lejos,

pero nosotros ya estábamos ciegos.

Ilustração de Costadinka Miladinova





Para mí aquello pasó, carece de importancia.
Entonces tú y yo compartíamos un lecho de paja
y siento necesidad de contarte
qué fe tengo y cuán animado estoy.

Es la nueva vida la que me impide
pegarme
un balazo
en las sienes.
Es ella la que transforma
la ira
del corazón
en una lucha que
hoy
hierve.
Es ella la que nos devolverá las Filipinas
y las grandes estrellas
sobre Famagusta,
y la alegría
apagada del corazón
y nuestro amor muerto por las máquinas
y el infinito azul de los mares
donde el viento del trópico se siente.

Ahora es de noche.
La máquina rítmicamente
canta
e infunde cálida fe.
¡Si supieras cuánto amo la vida!
Y ¡cómo odio las quimeras
vanas!

Para mí está claro como que amanecerá:
Romperemos el hielo con nuestras cabezas.
Y el sol en el horizonte

oscuro,
sí, nuestro
luminoso
sol
alumbrará.

Que me abraze por fin
las alas
como a una pequeña mariposa.
No voy a maldecir,
no voy a lamentarme,
de todos modos
se ha de morir.
Pero morir cuando
la tierra
sacude
su moho
venenoso,
cuando millones resucitan,
¡eso es una canción,
sí eso es una canción!

Un hombre terriblemente inteligente

NO PODRÍA afirmar que después de la odiosa conversación con el Profesor regresé a casa rabioso; tampoco podría afirmar que me sintiera indignado. Simplemente regresé oprimido, con un nudo en la garganta, algo aturdido y bastante vacilante. No quería ver a nadie y por eso, después de abrir la puerta de entrada — sin hacer ruido —, hice todo lo posible para deslizarme a hurtadillas en la habitación.

En vano, mi mujer me oyó y gritó desde el salón:

¿Eres tú?

— Soy yo.

Me duele terriblemente la cabeza — se quejó ella.

— A mí también — repuse —. Me voy a acostar un ratito.

No creyó necesario responderme y yo sinceramente se lo agradecí. Colgué el impermeable del perchero y al pasar junto al salón, le dije en voz alta, sin abrir la puerta:

— ¡No estoy para nadie, quienquiera que me llame!... Me oyes, sea el que sea, todavía no he regresado.

Era consciente de que el estratagema era muy ingenuo, gracias a él podía ganar cuanto más media hora, pero lo hice, porque esa breve media hora me hacía mucha falta.

En la habitación me quité la chaqueta, aflojé la corbata y me eché de espaldas en la cama. Cerré los ojos, y fue como si de pronto me sintiera mejor, como si las cosas se esclarecieran de repente, cambiaran de lugar imperceptiblemente y ocuparan exactamente el lugar que debían ocupar y donde hasta ese momento no habían estado. La puesta en escena era maravillosa, cualquier director que se respeta podía envidiarme. Igumenov, Balanov, mi mujer y yo — todos estábamos en nuestros respectivos lugares, dispuestos a empezar. Sólo faltaba Borev, pero no me inquietaba por él, sabía que iba a aparecer y ocuparía su lugar, exactamente su lugar, el que yo ya le había establecido. Jamás me he considerado una persona irreprochable, pero tampoco he sido deshonesto. Deshonesto en el verdadero sentido de la palabra: capaz de engañar, de comprometer, de denigrar a una persona. O de abandonarla. Sobre todo de abandonarla. ¡Dios mío, en tal caso me aborrecería a mí mismo!

Pero ahora las cosas tienen un aspecto algo distinto, hasta diría muy distinto. Ahora me están arrinconando cruelmente a la pared y quieren que clave un puñal en la espalda de un hombre que siempre me ha ayudado. No exagero para nada, simplemente insisten en que lo traicione, le dé la espalda y finja que jamás ha existido. Como si no hubiese existido, sencillamente se ha evaporado y en nada ha ayudado a que realicemos esta labor que ahora parece que va a resultar algo muy grande y muy serio.

Sí, precisamente ahora, desde que se supo que podía ganarse el gordo, algunos decidieron de inmediato que no estaría demás dedicarme un poco de atención y darme una afectuosa palmadita en el hombro.

¡Pero sólo a mí!

¡No a él!

En ese momento oí sonar el teléfono. Me levanté y entorné la puerta.

Mi mujer ya estaba explicando:

— No está, aún no ha regresado del laboratorio.

Y tras un instante exclamó:

— Oh, compañero Igumenov, ¿es usted?... Supongo que vendrá de un momento a otro, a esta hora generalmente ya está en casa... ¿Sí?... oigo...

Y sabiendo cómo iba a transcurrir la conversación desde ese momento en adelante, cerré la puerta y de nuevo me eché en la cama.

La puesta en escena era la misma, todos nosotros estábamos de nuevo ahí, donde habíamos estado hacía un instante, y a pesar de todo algo había ocurrido, algo había cambiado desde el momento en que sonara el teléfono. Faltaba algo o alguien. O quizá alguien dejaría de venir. Me dio pena. Me dio un no sé qué sentirme tan desamparado y débil. El saberse uno independiente y con pleno derecho de actuar siguiendo el dictado de la propia conciencia no consuela para nada. Es un terrible tormento, porque de otro modo no vendrá el gran remordimiento. La conciencia y el remordimiento van de la mano, son inseparables; sobre todo si has renegado de la conciencia, el remordimiento se instala en el lugar que ha quedado libre, así como ocurre en la naturaleza, la cual no tolera los espacios vacíos.

¿Acaso ya había renegado de mi conciencia?

La puesta en escena era la misma, todos nosotros en nuestros respectivos lugares: Igumenov, Balanov, ese ser insignificante, mi mujer y yo. No sentía la esperanza consoladora que Borev iba a aparecer en cualquier momento y ocuparía puesto. Había perdido la esperanza, lo cual significaba que había llegado el remordimiento.

Alguien llamó a la puerta suavemente.

Sonreí porque mi mujer no tenía la costumbre de llamar a ninguna puerta.

— ¿Estás durmiendo? — me preguntó.

— No, estoy descansando.

¿Sabes quién acaba de llamar?

— Ya sé, el profesor.

— ¿Era de él que querías ocultarte?

— De él.

— ¿Por qué?

— ¿Acaso no lo pudiste deducir de la conversación?

Ella se sentó en la cama a mis pies.

Volverá a llamar dentro de media hora. Quiere respuesta inmediata, porque el consejo se reúne a las siete y él debe saber si apoyarte o no, ¿entiendes?

— Ya lo sé.

— ¿Y cómo piensas actuar? — preguntó mi mujer en voz baja.

Voy a rechazar. Le voy a decir que si no incluyen en la investigación a Borev, retiro mi propuesta.

— ¡No harás eso! — dijo mi mujer en voz aún más baja.

La miré. Envuelta en su bata de seda azul, se la veía aún más delicada y frágil. Parecía una niña, pequeña, buena, a la que han ofendido de modo inesperado, sin merecerlo.

— ¿Por qué piensas que no lo haré? — le pregunté con una fingida curiosidad. — Nadie me puede obligar a obrar contra mi conciencia, a comportarme de modo deshonesto con la persona sin cuya ayuda este trabajo andaría todavía por la mitad. ¡Y todo eso por Balanov, el protegido de Igumenov, un hombre sin ningún talento! ¡Eso nunca!

— ¡Así se hará!

— ¿De dónde sacas esa seguridad? — le sonreí malicioso. — ¿No será que están esperando tu respuesta y no la mía?

— Ahora te lo explico — replicó tranquilamente mi mujer, sin que le hiciera mellas mi malicia. — Primero, que la idea es tuya, ¡propia de tuya! Segundo, ya no necesitas de Borev.

El ya ha cumplido con su trabajo y de ahora en adelante en las investigaciones lo puede sustituir cualquiera.

— ¿Quieres decir que ese Balanov es capaz de sustituir a Borev?

Esta sugerencia me pareció monstruosa.

— De ahora en adelante, sí — confirmó impasible mi mujer — Lo necesitabas hasta este momento, pero de ahora en adelante ya puedes arreglártelas solo.

— El moro ya hizo lo suyo — susurré — el moro...

— Precisamente-de improviso mi mujer se animó. — En estas cosas no hay sentimentalismo que valga, esto es ciencia, pura ciencia...

La interrumpí:

— Y si no fueran los cálculos de Borev, si no fueran sus averiguaciones, sus comprobaciones, si no existiera su erudición ¿acaso me estarías hablando ahora de ciencia pura? Recuerdas cuántas libretas llenó, cuantas páginas escribió, están aquí, ahí mismo, en mi escritorio, escritas con su puño y letra... ¡Tú misma no te cansabas de admirarle!

Mi mujer se levantó y se envolvió en la bata. Afuera caía el crepúsculo, por la seda azul corrían hilos de tinta, su rostro blanco se tornó gris como si de pronto hubiera envejecido.

— No te hagas el imbécil, ni te pongas sentimental — dijo mi mujer con la voz grave.

— ¡Ya es tiempo que pensemos también en nosotros! Tantas penas vividas en torno a este invento! Di que te da igual, sé sensato ¡y que sea lo que Dios quiera! ¡En todo caso no será más fácil!

No contesté.

Ella de nuevo se sentó a mis pies.

— ¿Sabes lo que me dijo Igumenov?

— Ya lo sé.

— ¿Y a pesar de todo rechazas?

— Sí, a pesar de todo.

— ¡En tal caso eres un tonto de capirote!

Volví a callar.

— Y aunque fuera sólo por eso — continuó mi mujer, — ¡tú no tienes derecho de rechazar, me comprendes, simplemente no tienes derecho! Debo decirte que si se lo cuento a alguien no me lo va a creer.

— Seguramente — corroboré indiferente. — No es para creerlo.

— ¿Te imaginas qué campo de acción tendrás ahí, cuántas cosas vas a ver y aprender?...

También yo, porque el Profesor dijo que...

— Ya lo sé — la interrumpí, — ya sé todo.

En ese momento el teléfono volvió a sonar.

Mi mujer me echó una mirada prolongada y se enderezó para que pudiera levantarme.

En el auricular retumbó la voz de bajo del Profesor:

— ¡Hola Neichev ¿Ya estás en casa?

— Acabó de entrar, compañero Profesor.

— ¡Mírenlo al vagabundo! ¿Dónde has estado vagando hasta ahora?

— Es que no había trolley, compañero profesor. Un accidente...

— Ya conozco esos accidentes...

Dios mío, efectivamente parece que algo sabía de esos accidentes, ese tono bien diferenciado que resonaba en su voz pastosa y suave.

Un instante después el tono ya era distinto y su voz pastosa no resonaba tan suave.

— ¿Qué has decidido, Neichev? — preguntó el profesor.

Contesté enseguida:

— Estoy de acuerdo, compañero profesor.

¿Con qué estás de acuerdo?

— Con Ud, estoy de acuerdo con su opinión, compañero professor.

Hubo un breve silencio y luego, como si desde muy lejos, se dejó oír una voz casi desconocida:

— ¡Perfecto, Neichev, perfecto! ¡Ya sabía yo que eres un hombre inteligente, muy inteligente!... Entonces, ¡hasta mañana! ¡Saludos a tu mujer! ¡Que lo pases bien esta noche!

Cuando me volví, mi mujer quiso abrazarme.

— Eres un hombre terriblemente inteligente, querido — dijo casi llorando de alegría, — ¡terriblemente inteligente!

Rechacé sus brazos.

— Me impresiona la rapidez con que cambias tu opinión acerca de mí, querida — repliqué y entré en mi habitación.

Me fue muy difícil hacer girar la llave de la puerta, ya que nunca acostumbraba hacerlo: cerrar mi puerta con llave, cuando mi mujer se encontraba del otro lado.

En aquel instante ya me estaba odiando a mí mismo.

Agustina Bessa Luís é uma das mais importantes escritoras da língua portuguesa. Nascida em Vila Meã (Amarante) e vivendo na cidade do Porto, sua estréia no romance foi com *Mundo Fechado* (1948), mas é com *Sibila* (1954) que se firma como uma das mais inovadoras ficcionistas da literatura contemporânea.

A EXU documento, no seu propósito de reproduzir os eventos realizados na Fundação Casa de Jorge Amado, publica neste número a palestra realizada por Agustina Bessa Luís, no dia 17 de março de 1989, sob o título "Memórias Paralelas da Baia".

COLEÇÃO CASA DE PALAVRAS

LIVROS DE ENSAIOS
SOBRE A CULTURA
DA BAHIA



nelson
cerqueira

**a política
do partido
comunista
e a questão
do realismo
em jorge amado**

Fundação Casa de Jorge Amado

NCz\$ 2,00



antonio
risério

**cores
vivas**

Fundação Casa de Jorge Amado

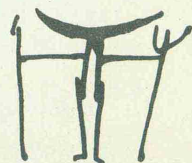
NCz\$ 4,00

o seqüestro
do barroco
na formação
da literatura
brasileira:

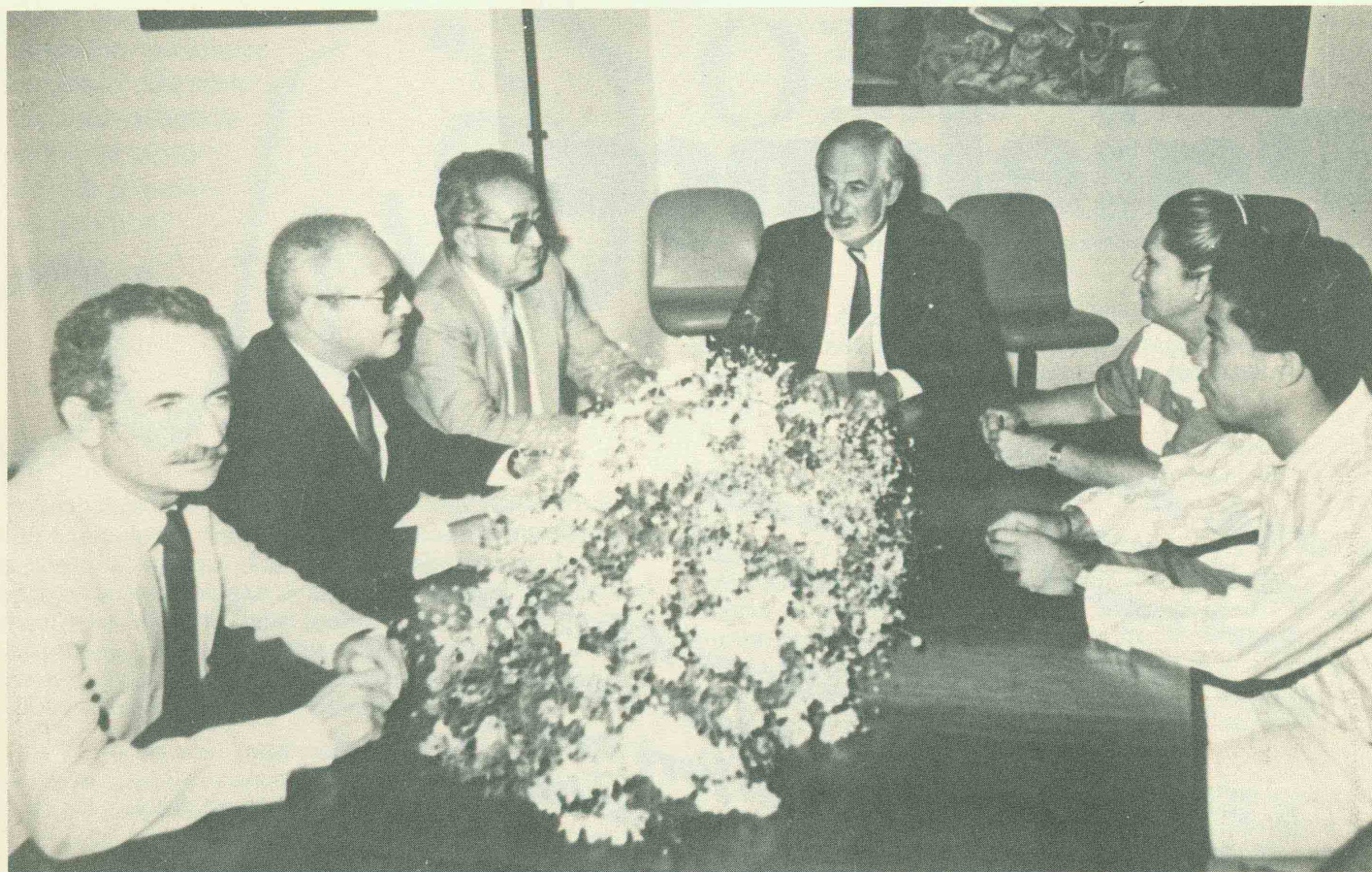
A SAIR

o caso
gregório de mattos
haroldo de campos

Pedidos em cheque nominal a
Fundação Casa de Jorge Amado,
Largo do Pelourinho s/n,
Salvador, Bahia, CEP-40025



Preços válidos até 31 de maio



A Fundação Banco do Brasil sente grande satisfação em reafirmar esse convênio com a Fundação Casa de Jorge Amado, pois trata-se de um órgão que eleva o nome da nossa cultura não só na Bahia e no Brasil, como também no exterior.

Foram essas as palavras do Dr. José Bezerra — Superintendente do Banco do Brasil na Bahia, quando da assinatura do documento, dia 10 de abril de 1988, ao lado do Dr. Hermes de Oliveira Queiroz (Gerente Geral da Agência Centro/Salvador) e do Dr. José Pacheco de Oliveira (Gerente Adjunto de Operação), estando presente pela Fundação Casa de Jorge Amado, Dr. Germano Tabacof (Presidente), Escritora Myriam Fraga (Diretora Executiva), José Raimundo Ribas (Gerente Administrativo e Financeiro) e Roberto Wagner Leite (Assessor de Planejamento).

Com a Fase II do convênio para o exercício de 1989, a Fundação Banco do Brasil, uma das principais mantenedoras da Fundação Casa de Jorge Amado, contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento da instituição, desde a manutenção do prédio até sua programação. Este apoio cultural estende-se desde eventos — cursos, palestras, seminários —, até publicações, como *EXU* documento e a *Coleção Casa de Palavras*, livros de ensaios sobre cultura baiana.

Pajelança

Ê avá, avaeté!

Ê abá, avatar!

Ajuri caua! Ajuri caua!

Ajuri caua! Ajuri caua!...

Ê Zumbi, Casaldáliga: Ajuri caua!

Ê Kretã, Verger: Ajuri caua!

Ê Quelé, Prestes: Ajuri caua!

Ê Katari, Sepé: Ajuri caua!

Ê Juruna, Ajuricaba: Ajuri caua!...

Ê Meninos do Brasil : Ajuri caua!...

Ê Brasil ipanema: Ajuri caua!

Ê Brasil, curutêm oatá!

Ajuri caua! Ajuri caua!

Ajuri caua! Ajuri caua!...

*Ademário Ribeiro, baiano de Miguel Calmon.
Poeta, teatrólogo e produtor cultural. Publicou
Sopros & Flexas (poemas), Raiografia da Ilha,
No País de Andorinha Só, Rituais,
Ôi! Ôi Nois Aqui Travêis (teatro)*

Dentro do salão, luxuosamente decorado, ele não sabia explicar o motivo que o fizera entrar no clube. Sempre fora demasiado avesso a festas. O barulho intermitente e agressivo da música; o jogo mágico de espelhos e luzes; o rebolar frenético dos dançarinos, pareciam-lhe pertencer a um mundo diferente do seu, a um absurdo universo em torno do qual ele jamais ousara gravitar.

Descartou a possibilidade de haver ingressado no clube devido a uma longa bebedeira. "Você não bebeu mais que duas doses de Martini, Antônio". A solidão não teria sido a força incontornável que o arrastara até ali? Desprezou também essa hipótese, pois conhecia a existência de uma solidão maior, medonha porque paradoxal: o isolamento deliberado, mesmo nos lugares mais movimentados, daqueles que se sabem adiante do rebanho.

A busca de uma justificativa para a sua presença na festa já não o importunava mais. Agora, estava ali, no recinto repleto de adolescentes e tinha diante de si a oportunidade de fazer algo diferente e testar-se a si mesmo, na tentativa de, ao menos nessa noite, homogeneizar-se ao rebanho. "Afim", justificava-se, "não devemos ser totalmente imiscíveis".

Resolveu tomar uma cerveja e inutilmente procurou um stand pra adquirir fichas. Ao notar o movimento incessante dos garçons que, solícitos, serviam aos presentes, compreendeu que a festa tinha caráter particular. "Casamento, talvez", arriscou um palpite. Os olhos, inquietos, em vão procuravam os noivos, percebendo, contudo, a presença, até o momento ignorada, de pessoas de idade mediana. "Début de grã-fino", pensou, achando que isso explicaria a participação maciça de adolescentes na festa.

Adolescentes. A palavra martelava-lhe insistentemente à cabeça, com a mesma intensidade do desânimo provocado pela certeza de um tempo perdido, submerso e irremediável. "Será você ainda um adolescente, Antônio?", refletia. Não podia ser mais um adolescente, pois já contara com vinte e cinco anos e interiormente crescera bastante, à custa de muito sofrimento, num período em que, para outros, a existência era um pedaço do paraíso e a vida uma obstinada e gratificante promessa. Entretanto, adolescente era em muitas coisas, como no amor, do qual só conhecera o prazer, mecânico e falso, do corpo das prostitutas. Duvido que esses jovens aí, considerava ensimesmado, "descubram mais que o sexo e a velhice. Que saberão eles do tenebroso abismo, para o qual o homem galopa, angustiado, e da queda que se seguirá, se ele não redescobrir a sua essência perdida (onde?) ?".

Sentia-se confuso. Sua cabeça era um turbilhão de pensamentos emaranhados como vegetação marinha.

Saberás, saberás, saberás

O samba-canção lembrava Dione. Dione e o carnaval brincado há dois anos, única festa da qual, em toda a sua vida, ele se permitira racionalmente participar.

"Por onde anda o meu amor?", completou a música e, subitamente, a imagem da moça materializou-se em sua mente. Dione sorria para ele e os seus olhos, que tinham a tonalidade acinzentada da ameixa, pareciam também sorrir.

"Guardarei teus olhos nos meus olhos". Foi o que dissera quando a garota partiu de madrugada, após lhe dar um demorado beijo, mas duradouro do que tudo o quanto ele havia até ali realizado.

Sentindo o salão girar em torno de si, sentou-se cochilando em seguida. Havia bebido várias doses de uísque, servidas pelos garçons.

Ele era, agora, um pássaro vistoso, colorido e de asas enormes, que tentava, em vão, alçar vôo. Sabia que estava diante de um grande desafio; o maior de todos que lhe foram impostos e que, se vencido, lhe abriria novos horizontes no caminho da explicação das coisas. Sabia que precisava voar para não sucumbir ao fracasso, mas suas asas não correspondiam aos seus estímulos no desejo de voar. Elas permaneciam abertas, belas e inoperantes.

Despertou sobressaltado. "Beleza oca", classificou a ave, já calmo e disposto a analisar o conteúdo profético do sonho. Cansado, resolveu ir embora. Para onde? Palavra que não sabia onde morava. Quando retirou a mão do bolso da calça para consultar o relógio, notou que estava usando um elegante terno azul-marinho. "O que eu estou fazendo com esse terno, se nunca usei um outro antes?" Esses sapatos sociais?"

Novamente a confusão, a sensação de paralisante fracasso que experimentara no sonho. Sentiu vertigens. Prestes a desmaiar, amparou-se na mesa. Alguém tocou-lhe, levemente no ombro. Voltou-se suplicante.

— O que houve, Marcelo? — perguntou uma voz carinhosa.

— Marcelo?

Não está se sentindo bem em nossas bodas de prata?

— Bodas de Prata?

— Você bebeu demais, meu bem. Sou eu, Inês — disse a mulher, sentando em seguida, puxando-o para junto de si e oferecendo-lhe o colo.

Hesitante, exausto, envelhecido, ele repousou a cabeça no colo da mulher e, porque não mais sozinho, aliviado, num sussurro quase inaudível, desabafou:

— Ainda há pouco eu pensava que era outra pessoa. Ainda há pouco eu pensava muita coisa, meu amor.

Elieser Cesar nasceu em 1960, em Euclides da Cunha, Sertão da Bahia. Jornalista, trabalha em Salvador na sucursal de O Globo. Foi um dos premiados no Concurso Nacional de Contos da Empresa Gráfica da Bahia / Desenbanco (1988). Inédito.

Pesquisa

Em janeiro/fevereiro a **Pesquisa e Documentação**, deu seguimento as suas atividades, catalogando e classificando material impresso e tombamento do acervo. Como trabalho para estudos ou reportagens atendeu neste período o jornalista israelense Raz Ronen, do **Há aretz**, para um artigo sobre Dorival Caymmi e Jorge Amado.

Eventos

Março

Dia 17, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, lançamento do livro **Cores Vivas**, ensaios de Antônio Risério, pela Coleção Casa de Palavras. Neste mesmo dia, às 17h30min, a escritora portuguesa Agustina Bessa Luís proferiu uma palestra, após visitar a Casa com outros intelectuais portugueses, sob o título **Memórias Paralelas da Baía**.



Abril

Dia 4, às 16 h, esteve em visita a Fundação Casa de Jorge Amado, a Sra. Rute Neto, Presidente da Organização de Mulheres Angolanas e membro do Comitê Central do Partido Comunista Angolano. Irmã do líder Agostinho Neto, participou ativamente das lutas de libertação do seu país. Na sua comitiva estavam ainda presentes, o embaixador Sr. Francisco Romão, o ex-Ministro Angolano, Dr. Coelho da Cruz, a Sra. Eufrosina Maiato, Secretária do Comitê Central, e a Sra. Carolina Cerqueira.

Dia 11, a partir das 17 horas, numa promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado, Museu Eugênio Teixeira Leal, Fundação Pedro Calmon, Aliança Francesa de Salvador e Consulado Geral da França em Recife, evento comemorativo do bicentenário da Revolução Francesa, com exposição, vídeo, filme (**Maria Antonieta**, de Jean Delannoy), e palestra do prof. Andre Jolly.

esclarecimento

Já com nossa edição impressa, uma data publicada no número 7 foi modificada. Aqui retificamos para que não reste alguma dúvida. O **Tempo Glauber** foi inaugurado no dia 22.03.89 e sua sede fica à Rua Sorocaba n: 190, Botafogo, Rio de Janeiro. Na página 10, uma retificação óbvia, mas sempre é bom esclarecer. O filme chama-se **Idade da Terra**.

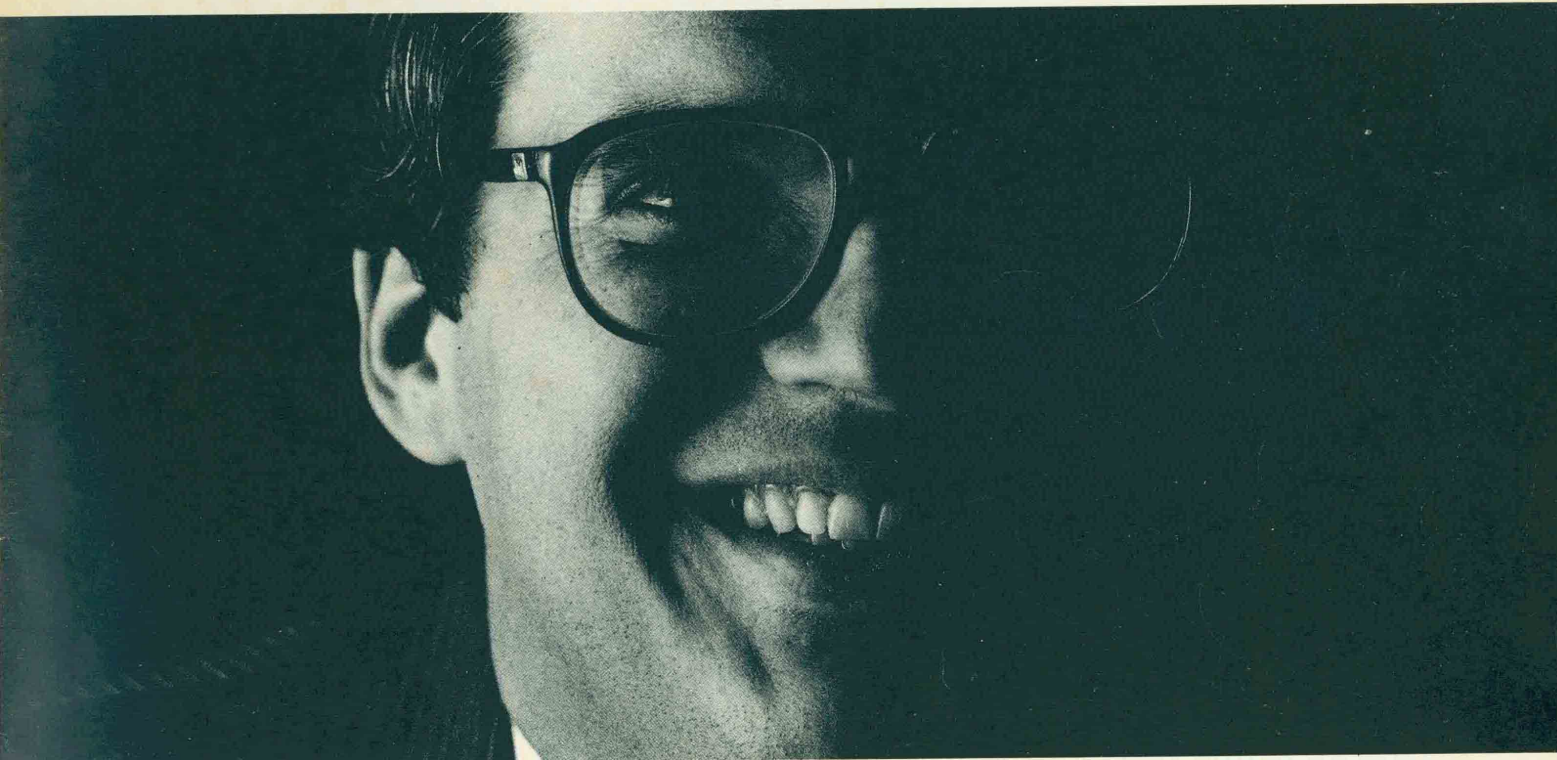
A Programação da
Fundação Casa de Jorge Amado
tem Apoio Cultural

FBB
FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL



A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Conta Azul Remunerada da Caixa.



Sem dúvida, com toda segurança.

Conta Azul Remunerada.
Agora, ao invés do seu dinheiro
ficar parado, perdendo minuto
a minuto, ele vai render.
Diariamente.
E já a partir do dia da
aplicação.
Você não tem prazo definido

para sacar ou depositar.
É quando você resolver.
No caso de retiradas, é só avisar
24 horas antes. E a movimentação
pode ser feita pessoalmente ou até
por telefone, se preferir.
Você deve estar achando que a
Conta Azul Remunerada é muito

parecida com as outras que estão
no mercado.

Mas só ela tem uma coisa que
nenhuma outra tem: a segurança
da Caixa Econômica Federal.

E segurança é o que um homem
de decisão nunca pode deixar de ter.
Não é?

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**



MEMÓRIAS PARALELAS DA BAÍA

AGUSTINA BESSA-LUÍS

1989



Fundação Casa de Jorge Amado

—EXU

DOCUMENTO



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente
Germano Tabacof

Diretor-Executivo
Myriam Fraga

EXU Documento

Coordenação Editorial
Claudius Portugal

Projeto e Supervisão Gráfica
Humberto Vellame

Apoio Cultural:

Fundação Banco do Brasil

Publicação de acordo com a Lei Federal nº 7505/86 (Lei Sarney)

Fundação Casa de Jorge Amado

Largo do Pelourinho, s/n, Salvador, Bahia,
CEP 40025, tel.: 242-0075

MEMÓRIAS PARALELAS DA BAÍA

Andando, remava um pouco. É uma maneira de dizer que me ficou na memória desde a primeira vez que estive na Baía. A maneira como se descreve D. Santa, a mãe do pintor Raimundo de Oliveira, deu-me imediatamente a atmosfera baiana; não folclore, mas a surpresa. É na surpresa que os amigos se reconhecem.

D. Santa, com o cabelo preso e a bolsa na mão, a passar pelo Beco de Santana pelo braço do filho e entrando na Matriz, aos domingos, gravou-se em mim. D. Santa, entre quatro irmãs, bem nascidas e criadas na grei Falcão, podia ter sido uma personagem dos meus livros. Eu via-me a viver na Avenida Senhor dos Passos e na Rua do Sol, mudando de casa com os meus pais à medida que a prosperidade queria provas e os velhos muros vão esgotando as ilusões. Ponho-me a pensar na infância de Raimundo de Oliveira, em Feira, e encontro-lhe parecidos com a minha infância. Aquela vida de menino assediado pelas coisas de arte e que ia à igreja para olhar os anjos e seus segredos de vôos e candura, era comparável à minha, que morei na Póvoa, onde as capelas e os templos são porta de cada rua e remate de avenida, e praça de santos no meio da praça dos homens. A Baía pareceu-me familiar a partir de D. Santa que, ao andar, “remava um pouco”. Toda a minha família tem esse andar remado, a que o Padre Antônio Vieira deu honras no seu verbo, talvez porque lhe chamou a atenção na Baía ou noutro lugar o andar de D. Santa.

O que faz a memória dos povos é esse olhar ságar e humanamente temperado pelo amor das coisas e das paisagens. Eu vejo-me a morar na Rua do Sol, vizinha dos Portella, pais dum ministro, o que dá à Rua do Sol uma espécie de alvará contra os eclipses. Vejo-me a olhar todas as manhãs para o trabalho de Raimundo de Oliveira, que saía para a varanda a pintar um mural na parede. Atrás das bambinelas de cassa branca eu podia ter estado, meia de luto pela minha avó Justina que morreu nesse Verão. O mural progredia, roxo e marrom, e eu pensaria que ele também exprimia luto e melancolia. O pintor na varanda da Rua do Sol e eu, do outro lado, se lá estivesse, éramos

bonitos parceiros. Ele pintava tudo à maneira triste, um pouco como o Greco, que era um cavalheiro maldito no seu tempo e que usava as mesmas cores de Raimundo, o vermelho escuro e o preto. Tinham ambos um sentido litúrgico da pintura, como se ela fosse um ritual e não um ofício. A pintura de Raimundo não é medieval, herança dum catolicismo sombrio, se é que o medievo foi obscuro, que não foi, absolutamente. Queimou bruxas, mas isso não é ser sombrio, é algo que em sociologia se chama o medo da diferenciação, porque a diferenciação aumenta a dificuldade da decisão; e a sociedade estabelecida não gosta de dificuldades.

A Baía teve para mim um encanto muito particular a partir dessa presença íntima do pintor e D. Santa. Ela era uma mãe idosa, como Santa Ana, e eu imaginei-a ensinando o filho a ler, sentado nos joelhos, à maneira renascentista. Os cabelos brancos dela, combinação de amarelo e branco, foi o que depois transformou a pintura de Raimundo, fazendo aparecer a neblina à Turner, o fumo e a chuva, tudo o que modera as realidades cruas do mundo.

Nesse tempo eu estava na Póvoa a escrever as primeiras redações literárias e era tão boa em português como Raimundo era em desenho no ginásio e no Colégio de Santanópolis. Estava rodeada de igrejas e santuários, todos, de certo modo, fases votivas da religiosidade da classe piscatória. Lembro-me da Capela da Misericórdia (as capelas tinham as dimensões de igrejas e até um traçado salomônico, da Santa Sé) e lembro-me dos pescadores velhos que rezavam alto *pelos que andam nas águas do mar*. Eram figuras impressionantes, sobretudo os homens, duma severidade nobre, como se a comunidade os encarregasse de velar pelas almas e eles tomassem isso como uma última paixão. Nós não sabemos nada, nem de vivos, nem de mortos. Nada sabemos. Limitamos-nos a desenhar símbolos, como fez o pintor Raimundo; mas o coração dele não era para dar a perceber. Ele gostava de Carmen Miranda, que era a imagem da alegria; mas há algo de desesperado na alegria, que Raimundo conhecia. É melhor pintar *A Visão do Apocalipse* ou *A Fuga para o Egipto*, porque estamos dentro da tormenta e aprendemos a manobrar o leme. O riso modela o rosto para a integridade da inocência, constrói uma realidade que não é a nossa, que verbalizamos mas que não entendemos.

Os pintores tristes não são pintores trágicos; eles derramam com as tintas negras a normalidade da vida, com os seus ressentimentos e frustrações. Eu, por exemplo, sou triste, como Bernardim era ao chegar aos paços rurais de Ribeira-Lima. Mas não há sombras na tristeza; só uma luz solar cheia de mudanças, como a luz sobre um rio que corre. E o humor é a fantasia da tristeza, o seu Carnaval, se quiserem.

Quando eu vim pela primeira vez a S. Salvador, levaram-me ao Gabinete Português de Leitura e abri o livro dos fundadores. Lá estava o nome do meu tio-avó Joaquim Leite de Carvalho, que viveu aqui e casou com uma baiana, mulher linda de quem teve formosas filhas. E tão formosas que lhes chamavam no Porto “as quatro rosinhas de Santa Catarina”, da rua onde moravam. Comoveu-me ver a assinatura daquele antigo homem, de quem eu sabia tantas histórias e que aparece no meu romance *A Sibila*. É pouco um nome na folha duma acta; mas o mundo inteiro cabe nele, o passado, com grandes factos ou com pequenas memórias. O que faz as alianças são estes momentos de relação com o que há de invariável na vida humana; um nada, um risco num papel que tem a força dum símbolo e arrasta as grandes torrentes da lembrança, as grandes crises da esperança. Não há ligação com nada na terra se não houver expectativa. A expectativa é uma fé sem argumentos; transmite-se e não se fala. Mas está em tudo o que vivemos. Por isso aquela frase maravilhosa que descreve o andar de D. Santa, *andando, remava um pouco*, descreve a Baía inteira: a sua cultura fluente e altiva, a sua forma que dos mares se alimenta, porque os mares lhe trouxeram a coerência monumental dos corpos e das almas. *Andando, remava um pouco*. Pode-se começar assim um livro, porque está ali a expectativa. O que são os romances senão a celebração da expectativa? Eles não trazem soluções, não são importantes pela atitude lógica dos temas, pelas decisões humanas que relatam e os acontecimentos excepcionais que descrevem. São importantes porque têm a audácia de deixar à expectativa a tarefa de resolver a conduta dos homens, sem despertar as incompatibilidades.

Não ficaria bem eu falar muito numa visita que não é habitual. Os grandes discursos são para os íntimos da casa; os convidados devem limitar-se a ouvir e pôr em relevo as analogias entre quem recebe e é recebido. É sabido que a metáfora pode intervir para reforçar as analogias. D. Santa, que *andando, remava um pouco*, é uma metáfora. É metáfora, e muito bela, porque permite a criação duma verdade sobre uma imagem real. Elegantemente vestida, cruzando o largo da Matriz, um pouco surda, como a verdade é aos juízos humanos. D. Santa é uma metáfora encantadora.

Muitas páginas se escreveram sobre a Baía, e não falo de todas as competências, que foram casos grandes na literatura brasileira. A Baía é como uma idéia de pessoa, porque dá, quando pronunciamos o nome Baía, uma impressão de estabilidade. Todo e qualquer argumento sobre a pessoa gira em volta da sua estabilidade: presume-se que ela está presente nos seus

costumes e aparências; ou que muda injustificadamente, ou então censura desrespeito que pode decorrer de qualquer mudança. Quanto mais uma cidade, região ou lugar se serve dos argumentos que a afectam nas suas alterações, ou circunstâncias propícias às alterações, mais parece que eles são pessoas e não limites simplesmente urbanos ou rurais. Assim, quando falamos da Baía parece que falamos duma mulher. Jorge Amado contribuiu para que ela tivesse esse estatuto de mulher. A própria Baía é, no seu nome e fragmentos, um tótem, uma pessoa onde a beleza, por ser transitória, não serve senão como ligação simbólica com o todo. O nome, a qualificação, visam a instaurar a estabilidade da pessoa. Dizemos que a Baía é como pessoa que põe empenho na sua liberdade e que, como sujeito livre, tem a espontaneidade necessária tanto para persuadir, como para resistir à sedução doutros exemplos e modos estranhos a ele. Eu penso que nada melhor exprimiu a Baía do que a Gabriela, de Jorge Amado. Um existencialismo simples e formidável em que a liberdade tem a sua ontologia original que a opõe às coisas, que têm propriedades mas não liberdade nelas. Gabriela é a Baía, Jorge Amado descreve a Baía como uma mulher e esta tem o sentido de metáfora adormecida. Chama-se metáfora adormecida, ou esquecida, aquela que perdeu o contacto com a idéia primitiva que ela exprimia. Quando é despertada, a metáfora adormecida tem uma força persuasiva superior. Em Gabriela há uma metáfora adormecida: a terra baiana que permanece e não muda através da sua fantasia. Ela nunca se extingue para o amor e a liberdade.

Em D. Santa, que, *andando, remava um pouco*, há uma metáfora acordada, em fusão com o ambiente e as suas inspirações; ela acerca-se, segura e lenta, ouvindo, na sua surdez, as palavras do filho que nela se elucida. D. Santa, como “os tempos antigos” de Bacon, quando escreve: *Esses tempos, são os tempos antigos, posto que o mundo é antigo, e não aqueles que nós chamamos antigos contando às arrecuas a partir de nós mesmos.*

Senhoras e Senhores: não há melhor memória do que a que nos consola de não a deixarmos a outros. Tenho no pensamento as palavras da carta de Pero Vaz de Caminha: *Tomais a minha ignorância por boa vontade.* Aqui vos deixo um pouco do que consegui contar e falar. Que o saiba fazer pior que todos, não é verdade. Mas qualquer criança baiana vos dava melhor retrato desta terra; que o nascer num lugar nos faz sábios nele e príncipes nos seus segredos.

Muito obrigada.

AGUSTINA BESSA-LUÍS

Apoio Cultural de:



ECONOMICO

BRADESCO

NORDESTE ANO 2000.



O BNB ESTÁ PREPARADO PARA ESTE DESAFIO.

Para o Banco do Nordeste, o futuro dos nordestinos está sendo traçado no presente.

Consciente de um futuro promissor, o BNB se renova a cada dia para exercer na sua plenitude o papel que lhe é reservado no processo de desenvolvimento regional.

Investindo em tecnologia, apoiando pesquisas e projetos para a melhoria

da qualidade de vida da população nordestina, o Banco do Nordeste prepara sua gente para os novos desafios.

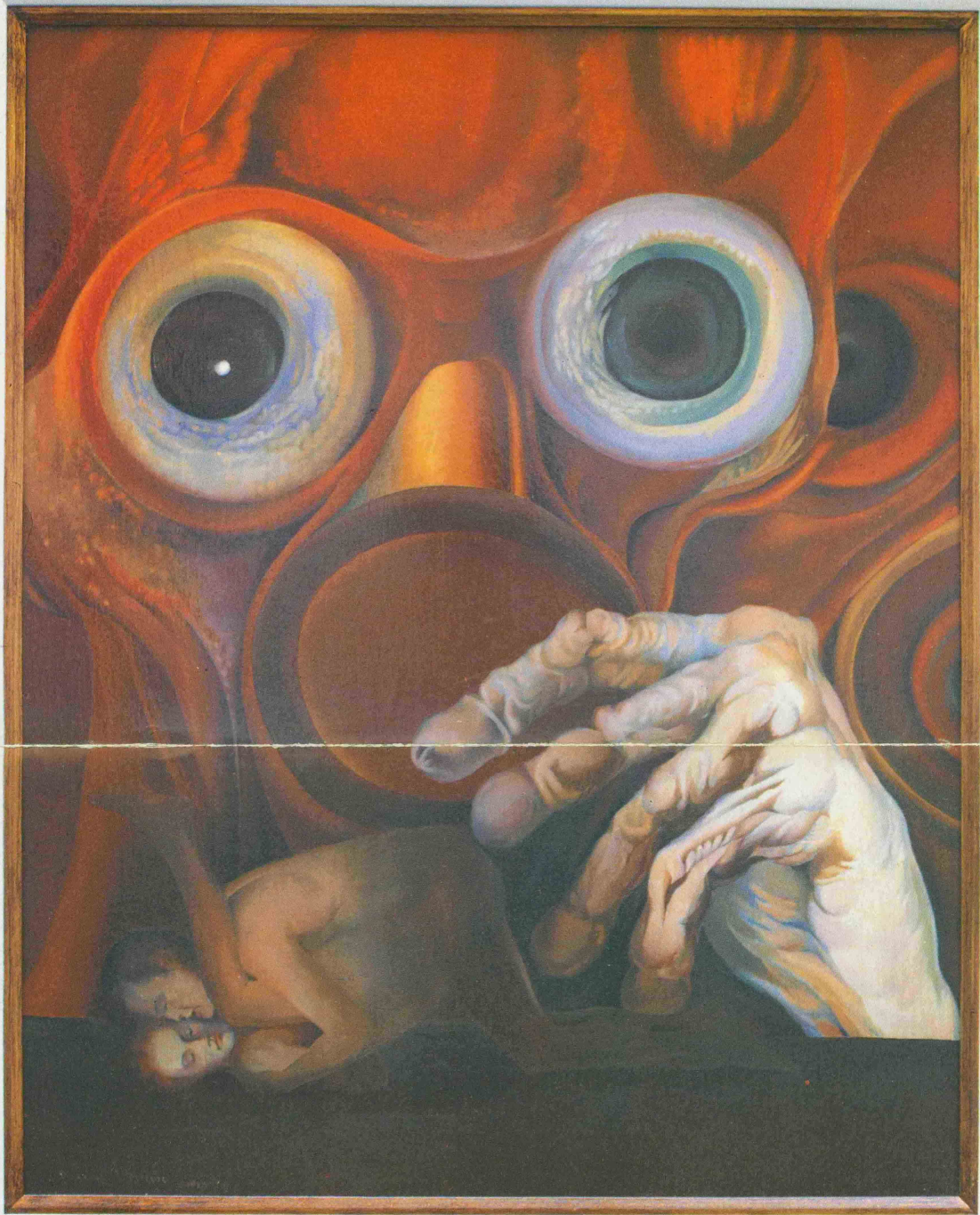
Ao mesmo tempo em que cumpre a sua missão como banco de desenvolvimento, acompanhando os avanços e as transformações da realidade nacional, o BNB também se fortalece como um banco

comercial.

Ter o Nordeste desenvolvido, é a meta de 40 milhões de nordestinos. Tornar isso possível, é a nossa.

bnb BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

Governo Federal - Tudo pelo social.



Juarez Paraisi

Mesmo considerando-se no grupo de pessoas que, por habilidade natural, é levado a desenvolver atividades artísticas, as artes plásticas, mais especificamente,

Juarez Marialva Tito Martins Paraiso, jamais se acomodou nesta situação. Dos anos 60 para cá, nada na Bahia, em seu campo de trabalho, deixou de ter sua presença ativa. Seja pelo sim, ou pelo não. E esta sua ação desperta, obviamente, sentimentos contraditórios. Exacerbados. Mas ele não pára, não se acomoda, luta, briga, leva avante sua opiniões. *Antes de ser artista, eu sou um cidadão político, pois sem isso não se faz coisa nenhuma. Sozinho não se é nada. Minha geração é a segunda dos artistas modernos baianos, e se antes era grupo, tendemos para o coletivo. Eu liderava e isto está em fatos criados como a galeria Convivium, a Bienal da Bahia ou a Associação de Artistas Plásticos.*



Começamos bem. Juarez não é de pouco falar, apesar da entrevista-depoimento ficar meio truncada numa sala da Escola de Belas Artes, onde ensina, desde os 26 anos como catedrático, isto foi um problema, já que minha pouca idade fez muitos ficarem contra. Eu simbolizava o início de mudança, pois todos, colegas, alunos, funcionários, frequentadores, querem conversar com ele, saber de alguma coisa, e a tudo ele se movimentando. É o temperamento. Ação, ação. Mas Juarez tinha o que dizer. Desde a cidade onde nasceu, Minas de Rio de Contas, uma cidade fantásticamente expressiva, do pai e da mãe, artistas, pessoas sensíveis, que o incentivaram e deram condições de seguir seu caminho natural — aos oito vim para Salvador e aos quinze passei a estudar na Escola de Belas Artes, tenho 54 anos, a sua primeira decepção. Eu levei dois álbuns que fazia com muito carinho e emoção, sobre histórias em quadrinhos, eu os copiava, sem saber nem o valor que tinham, hoje estão em museus, e a escola refutou aquilo como uma catástrofe. Disseram a meu pai que ele jamais deveria permitir uma coisa daquela. Fiquei chateado, Mas daí tive que passar a copiar os clássicos. Tive uma formação acadêmica, estudei na Escola durante uns doze anos, formação rígida, mas para o meu prazer com professores admiráveis, magistrais, como Presciliano Silva, um gênio, Valença, Mendonça Filho, uma espécie de pai espiritual para mim, Emídio de Magalhães. Artistas maiores. Toda minha formação como estrutura de trabalho vem do contato que tive com estes homens, profundamente voltados para a arte e com uma seriedade sem par. Mestres. Apenas o que me ensinavam estava comprometido com uma filosofia de arte deles, uma filosofia de arte acadêmico-realista, e eu tive depois de lutar contra isto, uma luta pessoal, muito pessoal. Mas não sou ingrato a nenhum deles, apesar de depois ter de destruir tudo que aprendi. Eu era para ser um continuador. Só que aquilo não me completava. Ao redor da escola toda efervescência do modernismo estava existindo. Fui para a arte abstrata. Era fins de 50. E por mais de dez anos criei abstrato em preto e branco. Só que nesta época os Diários Associados mandavam na Bahia e não era isto que vigorava. Chegou a década de 60 e, sem falsa modéstia, os principais movimentos foram realizados por mim. Fiz de tudo. Cada linguagem me dá caminhos e possibilidades. Passo de uma para outra. Estilo é qualidade. Não se tem que pedir a um artista coerência técnica, mas qualidade e integridade. Picasso fez tudo. Contrariei os artistas profissionais. Fazer uma só coisa é uma divisão falsa, coisa de mercado. Um artista tem de dominar todas as linguagens, todos os recursos, pois cada técnica é uma expressão. Sou um artista versátil. Teve um crítico que disse que meu maior pecado é fazer tudo bem. Isto é uma obrigação do artista.

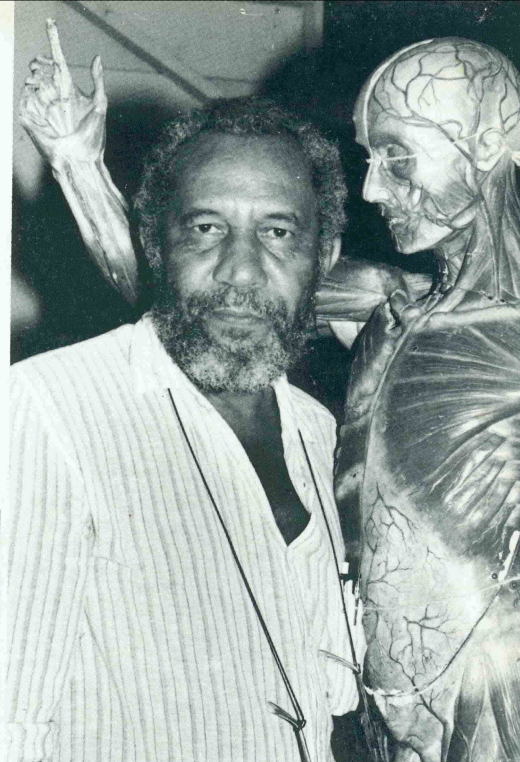


Foto: Walmir Pinheiro

Ea crítica? Coloca uma: é preciso a Bahia ter um registro de suas coisas, para que seja sanada a ignorância na cabeça desse pessoal muito ambicioso que quer se projetar de qualquer forma. Há alguns que não tem intenção, mas é preciso dar importância ao que existiu e quem teve. As gerações de agora não conhecem nada. É um desastre. E Juarez cita três coisas que reputa importantes de serem documentadas, fora a Escola de Belas

Artes: São: Lina Bardi, que trouxe o conteúdo de transformação: a Bienal da Bahia, (divas bionais), evento que pela primeira vez deslocou o eixo do Rio/São Paulo. E discorre: Foi duro enfrentar os grupos locais, uma luta, e depois a ditadura militar que considerou o conteúdo subversivo, e isto foi um grande equívoco, pois nunca se teve esta intenção. A Bienal expressava o anseio de liberdade. Veja: tive ordens de um dos responsáveis para censurar quadros. Como secretário geral não aceitei e apresentei tudo. Dei uma entrevista contra a censura, que é uma coisa intolerável e ninguém pode ser a favor. Fiquei preso por trinta dias. Mas o pior foi a convalidação do governo ao mandar fechar a Bienal. Um governo dito intelectual. No discurso de abertura o governador afirmou sobre a necessidade de liberdade como um dado vital e que o que se veria era a expressão do homem no seu ponto de vista maior, o artista simbolizando esta necessidade de liberdade. Acabou o discurso, ele entrou e ficou apavorado com o que viu. Deu ordem para retirar obras e a Bienal deixou de existir. Isto é história e muita gente precisa saber. Perdemos uma grande oportunidade; a terceira foi o desempenho do ICBA. Foi extraordinário. E Juarez investe mais uma vez contra a manipulação dos dados históricos, da falta de memória, e faz uma sequência: quem fechou a Revista da Bahia não foram os militares, mas a administração. Eu quero ter a oportunidade de dizer isto, para acabar com esta mentira.

Eu era diretor de arte nesta época. Esta é a verdade e é um prazer dizê-la. É fundamental que se dê valor a existência da galeria Oxumaré como um dado importante para existência da arte moderna na Bahia; ou que se acabe com alguns atos, como o acervo da galeria Convivium, que ficou comigo, e eu doeei à Universidade. Está na Biblioteca e a Universidade não teve a gentileza de colocar que aquelas quarenta e poucas obras foram uma doação. É preciso falar da memória, e como estes casos, existem outros. Juarez teria muito mais a dizer. Sua postura está indicada num papel que me passa e acompanha seu currículo — em várias áreas tem participado intensamente da política cultural do Estado da Bahia, tentando interferir no sentido de torná-la menos injusta e desagregadora.

Assim é Juarez Paraiso.



Texto: Claudius Portugal
EXU nº 8 - Fundação Casa de Jorge Amado
Salvador - Bahia - 1989
Não pode ser vendido separadamente